

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

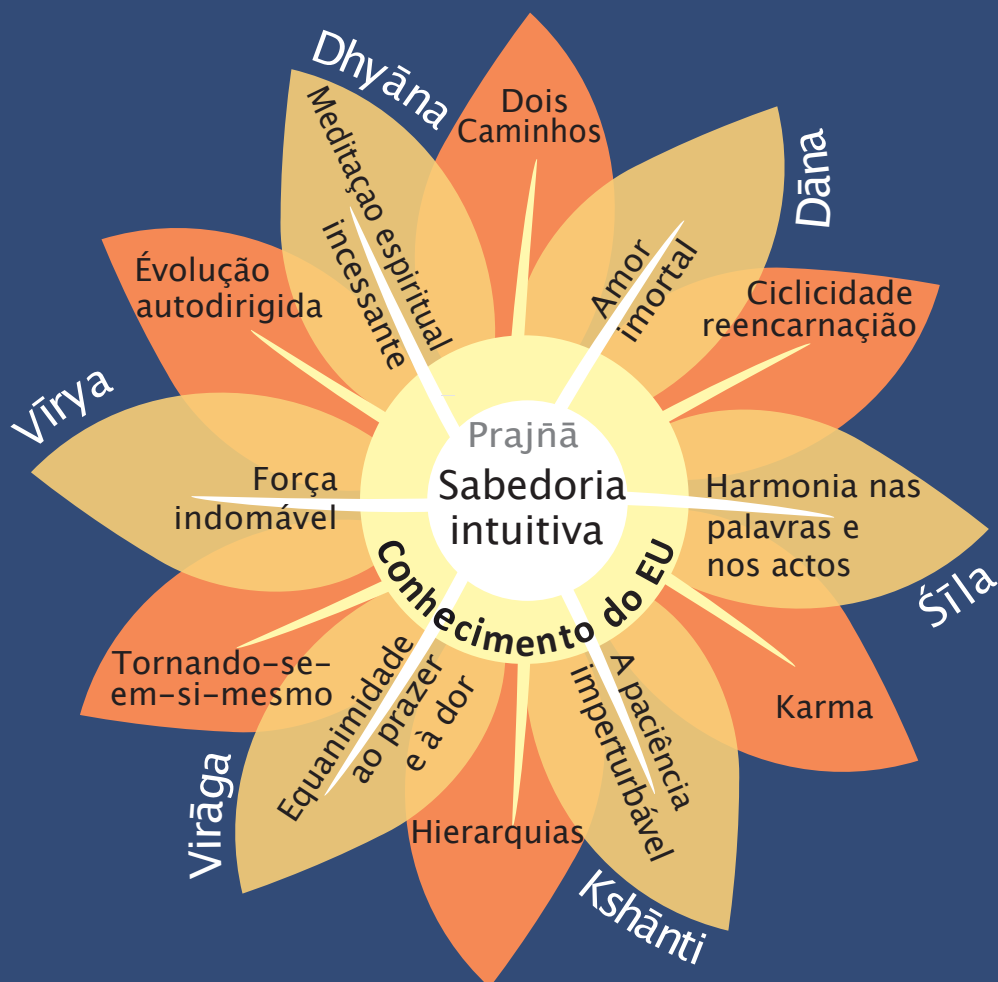
Lúci[®]fer

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Sympósio 2021

Ajude a construir a mentalidade do futuro

- Desenvolver a sabedoria
- Carácter, transformação em sete degraus
- Seja a mentalidade do futuro!
- Moldando o futuro: *esperança e confiança?*
- Construindo uma estrutura forte: como ganhar *confiança?*
- Quando a certeza entra



Editorial

2

Discurso de abertura no simpósio da secção holandês

p. 3

Erwin Bomas

Ajude a construir a mentalidade do futuro

p. 4

Porque é que é importante que os participantes pensem activamente e ajudem a construir a mentalidade do futuro?

Herman C. Vermeulen

O que é sabedoria?

p. 5

Neste artigo, a sabedoria é colocada em destaque de várias formas. A sabedoria é descrita como perto da verdade. Podemos ganhar uma perspectiva maior da verdade e portanto construir o futuro com esta intuição.

Renate Pico

Carácter-transformação em sete degraus

p. 10

As sete Joias da Sabedoria correspondem às sete Pāramitās, as sete exaltadas virtudes. A vivência destas Pāramitās guia-nos para uma visão e uma mentalidade completamente diferentes.

Barend Voorham

Seja a mentalidade do futuro!

p. 16

Olhando “a partir da outra margem”: sabedoria aplicada. A Prajñā-Pāramitā na prática da vida diária.

Herman C. Vermeulen

Modelando o futuro apenas com esperança e confiança?

p. 21

Podemos alcançar a outra margem vivendo com fé e tornando-nos as Leis da Vida.

Claudia Bernard

Construindo uma base sólida: como nós ganhamos *confiança*

p. 29

É possível mudar a mentalidade de cada um aplicando as sete Pāramitās. As sete Joias da Sabedoria estão ligadas às sete Pāramitās.

Sieglinde Plocki

Quando entra a certeza

p. 36

Um estudo de Dhyāna (meditação espiritual) e Prajñā (conhecimento intuitiva), a sexta e a sétima Pāramitā, com relação às sexta e sétima Joias da Sabedoria, os Dois Caminhos e Ātma-Vidyā, Conhecimento do EU.

Ralph Kammer

Consciência e Intuição

p. 40

Gottfried de Purucker explica claramente as diferenças entre consciência e intuição.

Gottfried de Purucker

Conhecimento Intuitivo ou Prajñā

p. 42

Neste excerto místico de um dos *Esoteric Teachings (Ensinamentos Esotéricos)*, Gottfried de Purucker discute o Prajñā-Pāramitā, ou conhecimento “da outra margem”. Este estado de clareza interior e acuidade espiritual e percepção de consciência intelectual é descrito a “partir de dentro”.

Gottfried de Purucker

Esoteric Teachings (Ensinamentos Esotéricos) volume 10 de Gottfried de Purucker

p. 46

Revisão deste elevado volume inspirativo dos *Esoteric Teachings*, a Hierarquia da Compaixão.

Barend Voorham

Editorial

Todos os anos as secções nacionais da Alemanha e da Holanda da Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL) realizam o seu simpósio anual. Isto aconteceu também em 2021. Não há coincidências e portanto isso tem ocorrido uma causa mais profunda, a saber, que ambas as secções tenham escolhido o mesmo tema para os simpósios deste ano. Esse tema era o relacionamento entre as sete leis universais ou as sete *Jóias da Sabedoria* e as sete elevadas virtudes, os Pāramitās. É notável que ambas as secções tenham escolhido este tema porque não acontece muitas vezes no mundo teosófico que se faça a combinação entre as Jóias da Sabedoria e os Pāramitās.

Os próprios Pāramitās são bem conhecidos, em especial no mundo budista. As Jóias da Sabedoria podem ser encontrados por direito próprio nas obras teosóficas padrão, tais como *A Doutrina Secreta*, mas foram tornadas públicas pela primeira vez no mundo ocidental na sua relação mútua por Gottfried de Purucker no seu livro *Fundamentals of the Esoteric Philosophy*, um livro publicado em 1932. Que exista uma relação entre as Jóias e os Pāramitās foi uma revelação para muitos, como demonstraram as reacções nos simpósios.

O estudo das relações entre as Jóias da Sabedoria e os Pāramitās providencia uma visão mais profunda dos modelos da estrutura e hábitos do Kosmos, e mostra as mudanças de mentalidade que ocorrem quando adoptamos as atitudes mentais que correspondem às leis universais e que estão expressas de uma forma tão sublime nos Pāramitās.

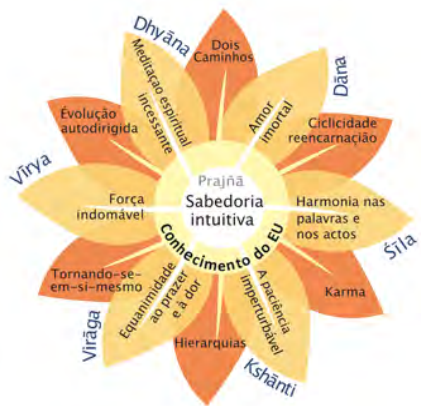
A questão pode levantar-se se os mesmos pensamentos não estiverem expressos em ambos os simpósios. Num certo sentido há uma sobreposição, mas o estudo das Jóias e dos Pāramitās abre a porta para tanta inspiração, sobrecarregamos com tantas concepções universais e ideias inesperadas, que muitos aspectos diferentes dos ensinamentos aparecem em ambos os simpósios. É precisamente pela aproximação do assunto a partir de diferentes perspectivas que nós, como leitores, colhemos um quadro mais completo destes ensinamentos teosóficos fundamentais. Os editores de *Lúcifer* decidiram, portanto, incluir nesta revista as conferências de ambos os simpósios, alemão e holandês.

Incluimos também um artigo de Gottfried de Purucker e um excerto de um dos seus *Esoteric Teachings*. Nesse artigo, ele discute um dos Pāramitās, Prajñā ou conhecimento intuitivo, embora o não mencionando por este nome. Ele fala também em “consciência”, que foi também discutida nas conferências, de uma forma brilhante. Algumas das ideias a partir das conferências serão provavelmente melhor compreendidas lendo este artigo. Em aditamento, ambos os membros, alemães e holandeses, que prepararam o simpósio foram fortemente inspirados pela *Voz do Silêncio*, de H.P. Blavatsky, e pelo volume 1 de *Esoteric Teachings*, no qual G. de Purucker trata dos Pāramitās. Ao contrário de *A Voz do Silêncio*, os seus *Esoteric Teachings* são relativamente desconhecidos. Em parte por esta razão, pensamos que ele deveria incluir um excerto a partir do volume 1 de *Esoteric Teachings*. Esse fragmento dá uma ideia muito profunda do sétimo Pāramitā, Prajñā, certamente difícil de compreender. Nós não queríamos ocultar este excerto dos nossos leitores.

Finalmente, há também uma curta revisão de *Esoteric Teachings* volume 10, que condizem inteiramente com a atmosfera de ambos os simpósios.

Estamos convencidos de que, com este *Lúcifer*, colocámos em conjunto um documento que, por muitos anos, pode servir como inspiração para a construção de uma mentalidade do futuro.

Os editores



Discurso de abertura no simpósio da secção holandês

Bem-vindos todos ao nosso simpósio *Ajudar a construir a mentalidade do futuro - sete fontes de sabedoria e sete caracteres de transformação*. Estou a falar em nome de toda a equipa de dezasseis pessoas que esteve a estudar em conjunto durante todo o ano as apresentações e as oficinas. Alguns de nós apresentaremos hoje o resultado do nosso esforço. Muitos outros voluntários estão também a trabalhar atrás dos cenários, para tornar possível este simpósio. Isto dá-nos já uma boa indicação do tipo de organização que nós somos.

Quem somos nós? E quem somos nós para pensar que podemos falar acerca de sabedoria, acerca da transformação do carácter? Para começar, nunca nos ouvirão dizer que possuímos a sabedoria absoluta. Isso seria impossível porque nem a mentalidade, nem a sabedoria pode ser possuído por ninguém. Este simpósio é organizado pela Sociedade Teosófica de Point Loma. E se se olhar para o nosso nome, acharão nele a palavra “Teosofia”, que se refere à fonte da qual estamos a falar: a Teosofia ou Sabedoria Divina. Este conhecimento sempre existiu e sempre existirá. E, além disso, ele está também presente em cada um de nós, latente, por assim dizer. Nós temos de aprender a expressá-lo cada vez mais.

A Sociedade Teosófica de Point Loma é constituída por pessoas que estudaram esta Sabedoria. Que continuam a estudá-la e que estão a tentar trazê-la para a prática, para o implementar na sua vida diária. Ao mesmo tempo que fazemos isto chegámos à conclusão de que esta sabedoria pode realmente resolver todos os desafios com que o mundo se defronta. Eis por que é que nós, voluntariamente, queremos fazer com que esta sabedoria seja conhecida pelo maior número de pessoas possível. O nosso simpósio anual é um exemplo importante de uma daquelas actividades que nós organizamos para fazer com que as pessoas fiquem conhecedoras desta sabedoria. Hoje vamos falar acerca do que trata exactamente esta sabedoria. E não só vos daremos algumas apresentações, mas também contaremos com vocês e com a sua activa cooperação. O título *Ajude-nos a construir a mentalidade do futuro* foi deliberadamente escolhido como um apelo à acção. Esperamos realmente uma cooperação activa. Naturalmente nós fazemos isto porque, como dissemos atrás, o conhecimento está presente em cada um de nós. Devemos activá-lo. Não se pode obter conhecimento acreditando apenas no que nós dissemos, nenhum o rejeitaria instantaneamente. Esperemos que estejam abertos para pensar activamente acerca disso.

Começaremos agora com a introdução por Herman C. Vermeulen, o Líder da nossa organização.



Ajude a construir a mentalidade do futuro

Bem-vindos todos. O objectivo hoje não é os ensinamentos técnicos teosóficos, mas a nossa mentalidade e o desenvolvimento da nossa mentalidade. Porquê isto? Partindo do princípio teosófico de que tudo é consciência, imaginará que a nossa parte *mental*, a parte pensante de nós, seres humanos, é o ponto central daquilo que nós somos e do que nós seremos. Assim, se nós queremos mudar o futuro, devemos mudar a nossa mentalidade, a nossa maneira de pensar. Além disso, explicaremos de onde é que vem esta ideia.

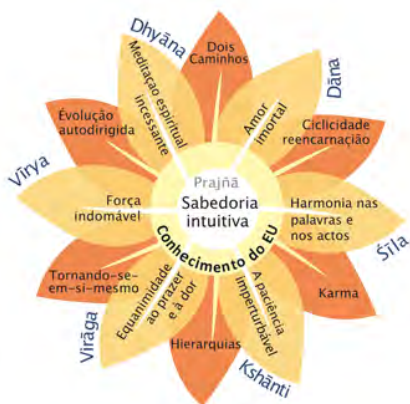
Infelizmente, vivemos num mundo que demonstra muito fortemente, num sentido negativo, a necessidade de mudança da sua mentalidade. Vemos quase diariamente exemplos de pessoas que não pensam de um ponto de vista global, mas em vez disso pensam separativamente: o meu próprio lucro, as minhas boas condições de vida, etc. A solução é partilhar. E partilhar não é apenas dar dinheiro a outras pessoas, mas incorporar nelas uma mentalidade de partilha em toda a sua maneira de viver. Todavia, se nós não vivemos de um modo não vocacionado para a partilha, nós, quase imediatamente – na sequência dos nossos hábitos – agiremos de acordo com a ideia da separação, sem imaginar as muitas consequências do que estamos a fazer. Assim, se queremos mudar a mentalidade do futuro, temos de trabalhar para isso. É por isso que este assunto é tão importante.

Quando nós tomamos conhecimento com as ferramentas à nossa disposição, do ponto de vista teosófico, verá que há uma quantidade de oportunidades para nós todos começarmos a pensar ao longo destas linhas. Estas ferramentas serão apresentadas nas duas seguintes apresentações. Oferecemo-las para serem experimentadas: olhemos à nossa volta, veja como trabalham. É capaz de ver as suas motivações e justificações? Testando-as, pode imediatamente descobrir qual será a diferença.

Nas oficinas temos uma boa oportunidade de colocar todas as nossas questões na mesa e discuti-las em grupos pequenos. As vossas perguntas são muito importantes. Se estranha como chegámos à conclusão de alguma ideia, deve perguntar. Através dos nossos estudos, preparámo-nos para responder às vossas questões e ajudá-los a compreender todo o processo. (Para os leitores desta revista: isto inclui também totalmente as vossas perguntas. Sejam bem-vindos a enviar os vossos emails para o escritório do editorial, luciferred@isis-foundation.org).

Na última conferência dirigiremos a reunião como se realmente se partisse de uma mentalidade diferente, que é o modo como se vai trabalhar. Uma forma importante de pensar.

O que é a sabedoria?



Pensamentos-chave

- » A sabedoria e a verdade estão intimamente ligadas. Crescer em sabedoria é perceber cada vez mais a verdade.
- » A sabedoria é universal. Aquele que é sábio tem tudo em linha de conta, incluindo as futuras gerações.
- » A nossa visão aumenta quando atingimos um nível mais elevado de consciência.
- » Ouvindo a nossa consciência, a sabedoria desenvolvido em vidas anteriores, nós tomamos contacto com uma fonte maior de sabedoria.
- » Há sete chaves do sabedoria.

Bem-vindos à conferência “O que é a sabedoria?”. O título do simpósio indica que há sete fontes do conhecimento descritos nos sete caracteres de transformação. Nesta conferência, realçaremos a sabedoria numa variedade de caminhos em ordem a formar um quadro sobre de que sabedoria se trata e como aplicá-la.

Anterior simpósio – 3 Proposições

Como um degrau de pedra para esta conferência, faremos uma breve revisão ao simpósio do último ano, a “Teoria do Tudo”, da qual este simpósio, enquanto obviamente a contem, é naturalmente uma derivação. A Teoria do Tudo providenciava uma perspectiva em três pensamentos-chave principais, que se aplicam universalmente e reflectem os princípios da Teosofia. Em resumo, estes pensamentos chave são os seguintes:

1. Há um PRINCÍPIO, Omnipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável
2. Há ciclicidade e
3. A fundamental igualdade de todos os seres

Alguns pontos de vista deste simpósio defendem que tudo, desde a mais pequena partícula ao mais vasto cosmos pertencem e são, na sua essência, o Ilimitado. Não se pode dizer

nada em particular acerca do Eterno e Imutável Princípio, ainda que seja essencialmente Tudo. Cada ser é uma expressão, uma peça daquela Ilimitabilidade. Todos os seres trabalham em cooperação; trata-se de uma interacção massiva. Um pensamento importante é que, então, todos os seres, desde o humano, o animal, a célula ou um planeta, estão conectados numa grande trama da vida, na qual nós nos influenciamos, ajudamos e encorajamos esperançosamente uns aos outros para crescer em consciência.

Este simpósio – 7 Joias, um refinamento dos 3 fundamentos

O Conhecimento-Sabedoria, nós podemos tirar algumas importantes conclusões daqui. Isso é o que vamos fazer em conjunto neste simpósio. Porque se nós investigarmos melhor estes princípios fundamentais, vemos que resulta deles um conjunto de processos que são omnipresentes e que podemos experimentar por nós

próprios. Estes processos podem também ser chamados de leis – ou padrões habituais – da Natureza. Dentro da Teosofia, estas leis são chamadas as 7 Joias da Sabedoria. Podemos estudar e experimentar estas leis nas nossas próprias vidas. A mentalidade, ou atitude com que nos aproximamos destas leis afecta como tratamos delas, como podemos compreendê-las, e também como podemos aplicá-las nas nossas vidas.

Sabedoria e verdade

Quando consideramos o conceito de sabedoria podemos colocar a nós próprios um conjunto de questões. O que é a sabedoria? O que é que, por exemplo, determina se nós somos sábios? Pode a sabedoria ser reconhecida e aprendida e, se sim, como fazê-lo? Se olharmos a sabedoria à luz da primeira proposição, a Ilimitabilidade, veremos que a sabedoria é também essencialmente ilimitada. Podemos sempre sondar mais fundo a esse respeito. A sabedoria é intimamente relacionado com a verdade. E, para descobrir a verdade, devemos fazê-lo independentemente. Alguém que deseja sabedoria é um investigador independente da verdade. Não é um tema para se extrair alguma coisa à superfície, mas para investigar e colher o seu fundo. Isto também se aplica à hipótese das três proposições que discutimos anteriormente. Quer tomar isso como uma coisa certa ou então começar já a pensar nisso? Tal requer uma atitude activa.

Crescer em sabedoria é ver mais e mais da verdade

Crescer na sabedoria significa ver cada vez mais a verdade. Alcança-se uma visão mais ampla da interconexão de toda a vida. Somos, como éramos, capazes de levantar um véu do poder que subjaz atrás da manifestação. Neste processo, é importante conservar o seu pensamento flexível e não pensar em termos de aspectos finitos ou absolutos, tais como esperar descobrir a verdade absoluta. Atrás de uma verdade há sempre uma verdade maior. Sócrates disse isto adequadamente com estas palavras: “Só sei que nada sei”. Com esta expressão ele queria dizer que no mundo externo uma pessoa pode conhecer um pouco, mas isso não significa que também conheça a essência do que sabe. O que se pode fazer é tentar aperceber-se mais profundamente de grau a grau e deixar a vastidão e a profundidade da sua sabedoria crescer. Assim há sempre uma verdade maior e com ela também uma visão maior. A sabedoria pode, portanto, ser equiparada à Verdade, e por isso não é verdade que não se possa ser sábio.⁽¹⁾

A sabedoria é universal e harmoniosa

Com a sabedoria, portanto, advém o conceito como, por exemplo uma focagem no todo, a universalidade, sem excluir coisa alguma ou alguém. Isto respeita à importância do todo. E, ao não excluir ninguém, também nos queremos referir ao reino animal, às plantas e como tratamos os minerais da terra. Sabedoria é baseada na harmonia e na sustentabilidade. Quando procuramos soluções, por exemplo, devemos procurar aquela que proporcione um efeito harmonioso no todo. Isto requer o desenvolvimento de uma ampla perspectiva da vida, de adoptar também uma visão que se estende no tempo. Um bom exemplo disto é o princípio das sete gerações, que é aplicado pelos iroqueses da América do Norte. Todas as decisões são tomadas com respeito ao bem-estar de sete gerações. Trata-se de uma actividade muito inspiradora e que, a propósito, não se pode cumprir sozinho, mas em cooperação uns com os outros. Deste modo, vemos que temos de aplicar a sabedoria de um modo activo. A sabedoria consiste, portanto, em trabalhar em direcção à nossa melhor visão da verdade.

Tornar-se mais sábio é uma mudança de perspectiva interior

Nas escrituras religiosas a sabedoria é usualmente descrita em analogia à subida de uma montanha. Por exemplo, Moisés subiu à montanha, Jesus proferiu o seu sermão na montanha, no Budismo o Monte Meru é descrito como um lugar sagrado. No livro *A Voz do Silêncio*, o livro no qual as Páramitās são explicados, são mencionados os picos escarpados, que os devotos têm que trepar, logo que se achem preparados. A montanha, em todos estes exemplos, é análoga a uma atitude da consciência, que é testemunha da sabedoria. Estamos a entrar num nível mais elevado de consciência. Uma pessoa que tem sabedoria situa-se numa esfera mental mais elevada ou desenvolveu uma capacidade mais universal de pensar. Isto quer dizer que ele vê mais unidade na diversidade, a sua visão é mais ampla, ele olhou para a vida a partir de um nível mais elevado e incorporou isso nele. Há ainda a metáfora da “outra margem”, que é usada para promover a compreensão de que aqui há “esta margem”, que é um estado de consciência, que nós encontramos diariamente, mas que há também outra margem com outro mais elevado estado de consciência. Olhar para a outra margem significa uma contemplação interior. Tal como trepar a montanha significa um caminho interior.

Visão

Tornar-se sábio é, portanto, aplicar a sabedoria: ele tem

sabedoria que é sabedoria. Como seres humanos, contudo, temos com frequência alguns velhos pensamentos e hábitos que são autocentrados e que, portanto, têm um alcance limitado. Tornar-se sábio, contudo, é crescer para um nível não egoísta, quer dizer, crescer em direcção a um nível mais universal. Uma placa de sinalização para isso é: construir uma visão universal. Tal visão ajuda-nos a olhar mais longe e a libertar-nos dos velhos modelos e situar-se num todo maior. Se olharmos para o título do simpósio com um olhar oblíquo, ele diz: “Ajudar a construir a mentalidade do futuro”. Ter uma visão clara é sempre uma necessidade prévia para começar a construção. Se nalguma parte se planeia uma bonita construção arquitetónica, será primeiramente desenvolvida uma ideia de como se pretende construí-lo, o que é que ele parecerá, e por fim como será construído. Desenvolver uma perspectiva aplica-se a qualquer construção, destinada a um projecto comum, seja num país ou a sociedade de toda a humanidade. Neste caso, estamos a construir a mentalidade do futuro. E por isso torna-se necessário explicar melhor o conceito de mentalidade.

A nossa mentalidade, como é que nós dirigimos o nosso pensamento

A mentalidade tem tudo a ver com o nosso pensamento. A palavra mental vem da palavra sânscrita “manas”, e suporta o pensamento do qual deriva também a palavra “humano”. Como seres humanos, somos pensadores e a mentalidade é a maneira de pensar ou a atitude com a qual nós olhamos a realidade e actualmente fazemos a nossa própria realidade. Colorimos o mundo – a manifestação – com o nosso pensamento e portanto fabricamos a nossa própria realidade. Como experienciamos um evento ou condição – se o vemos como positivo ou negativo – isso é inteiramente dependente de como nós pensamos, da nossa mentalidade. Para exemplificar muito simplesmente, o copo está meio vazio ou meio cheio, ou vemos aí obstáculos ou oportunidades? É sempre a esfera mental que responde ao mundo. Estamos sempre a enviar e a receber pensamentos. Assim, somos um transmissor e um receptor de pensamentos. E no comprimento de onda – a vibração – no qual transmitimos, também recebemos. Estamos a enviar pensamentos de sabedoria, pensamentos que respeitam a um quadro maior, pensamentos que têm em conta sete gerações ou estamos nós a transmitir pensamentos que dizem respeito apenas aos nossos pequenos interesses terrenos? A mentalidade é, portanto, a orientação do pensamento. A mentalidade também tem tudo a ver com a ética. Que pre-

missas usamos no nosso pensamento? Qual é a verdadeira razão que subjaz ou motiva o nosso pensamento?

Construindo uma visão

Assim, ao construir uma visão, é necessário focar o nosso pensamento num diferente comprimento de onda. Mas como construir uma visão? Gandhi dá-nos um exemplo claro disto. Há duas janelas, numa janela vemos como o mundo parece agora, na outra como quer que ele pareça, a situação ideal. Tente construir um quadro interior com o seu olho interior. Tal como uma imagem ideal é preferível ser o mais universal possível, baseada na unidade e na conectividade de tudo que vive. Os três princípios fundamentais são certamente de grande inspiração para aqui.

Pode então de repente ter uma visão completa? Não será usualmente o caso, porque a sabedoria cresce, a nossa visão crescerá também com uma perspicácia mais profunda. Assim, tal como a sabedoria, aquela visão não é absoluta. Ao contrário, é um todo crescente que oferece mais e mais inspiração à medida que nós continuamos a trabalhar nisso.

O lenhador e a floresta

Pode dizer-se, na focagem mental e no desenvolvimento da visão, que estamos ainda nesta margem e que estamos ainda a tentar perceber a outra margem. Outra imagem referida é a do lenhador e da floresta. A floresta está lá, o explorador da floresta está lá, e ele tem o desejo vivo de fazer alguma coisa muito bonita daquela floresta. Ele vê a floresta como ela é agora e tenta imaginar em que é que ela se poderia transformar. Ele forma uma imagem de como as árvores e os arbustos podem crescer em conjunto, de como o solo é nutritivo, de como a luz iluminará a floresta, e que animais podem crescer aí. À medida que ele contempla isto, ele experimentará também uma motivação para fazer isto e para trabalhar com isto. Conserve-se esta imagem na mente durante um bocado de tempo, porque nas próximas conferências continuaremos com este tema.

O que é que determina se nós somos ajuizados?

Sem uma visão, não é actualmente possível saber para onde vamos. A atitude mental ou a motivação da visão é de grande importância nesta perspectiva. A visão formada a partir de um sério desejo de atingir a verdade e a sabedoria elevam directamente a pessoa do pessoal para

o pessoal ou suprapessoal e o universal. Nunca para seu próprio uso ou proveito, mas sempre para o bem do todo. Tal visão é, portanto, alguma coisa que – e isto é talvez um pensamento inspirador – se pode continuar a trabalhar nisto pelas vidas futuras. Isto cria também um caminho para seguir. Deve-se tentar pensar e agir mais e mais a partir daquela visão. E tornar-se cada vez mais uno com essa visão. Isto requer discernimento. Podemos conseguir manter-nos na direcção da nossa visão e ajustar todos os nossos pensamentos e actos de acordo com isso? Por exemplo, podemos menos prazenteiramente escolher pequenos prazeres, tais como umas férias extra ou jantar fora, mas concentrar-nos mais e mais no alinhamento de todos os nossos pensamentos e acções com a unidade. Por apenas saber que essa sabedoria existe não torna uma pessoa sábia. Temos que pôr isso em prática. Por exemplo, sabemos muito bem que devíamos ajudar-nos uns aos outros, mas na prática isto é algumas vezes difícil. Devemos aprender a transformar os nossos mais baixos pensamentos autocentrados, um “eu penso” num “nós pensamos”. Porque a partir da sabedoria nós podemos verificar cada vez mais que tudo é incluso. É natural, mesmo necessário, ajudar os outros. Isso é o lado compassivo da sabedoria. Sabedoria sem compaixão não é, portanto, real sabedoria, mas apenas conhecimento. Não se pode realmente compreender isso a menos que tenha desenvolvido um coração compreensivo.⁽²⁾ Um coração compreensivo vê sabedoria onde ela está, um coração compreensivo pode empatizar com outro, sabendo que o outro é parte de si.

Desenvolver a sabedoria

Veja-se, a sabedoria não é um conceito passivo. É um processo sempre em desenvolvimento que requer uma atitude de aprendizagem activa. Isto é um processo interactivo, significando que o desenvolvimento da sabedoria é um processo interior que, no fim de contas, toma forma na vida e em interacção com os outros. A sabedoria, portanto, é certamente susceptível de ser treinada.

A sabedoria está presente em todas as pessoas

A primeira proposição mostra que todos os seres humanos, essencialmente, têm infinitas capacidades dentro deles. Com isso nós queremos também dizer que, ainda que esteja latente, cada ser humano também tem toda a sabedoria dentro dele. Por isso, todos têm dentro deles as capacidades para desenvolver a sabedoria. Porque a sabedoria só se torna sabedoria depois de vivida. Uma pessoa

pode também, como nós dizemos, aprender por vergonha ou por prejuízo, o que é uma forma passiva de desenvolvimento. Seguimos então o caminho do julgamento e do erro, a bater constantemente na sua cabeça, mas isso leva então muito mais tempo. Mas trabalhando mais activamente nisso, tem muito mais impacto no mundo, porque está então a expressar ou exteriorizar isso. E ao trabalhar assim está também a contribuir para construir a mentalidade do futuro. Ao mergulhar no interior ficamos a conhecer já o que é o bem e podemos afinizarmo-nos com isso cada vez mais e agir em conformidade.

Consciência e intuição

Quando olhamos para as nossas faculdades humanas distinguimos a sabedoria que já desenvolvemos e a sabedoria que ainda podemos desenvolver.

O primeiro caso respeita ao nosso armazém de sabedoria na forma de consciência. Esta contém tudo o que nós conquistámos no passado. É o reservatório de todas as lições éticas que aprendemos em vidas passadas. Podemos fazer uso da consciência ouvindo-a. Deixá-la-emos ser ouvida ela própria cada vez mais. A propósito, ela apenas o deixa saber quando não deveria fazer alguma coisa e com isso tem uma função notável.

A sabedoria que pode ainda ser activamente desenvolvida, pode ser alcançada treinando-nos nós próprios para ouvir a consciência. A nossa consciência está de facto conectada com uma sabedoria cada vez maior. No momento em que somos capazes de conectar com aquela sabedoria em larga escala, falamos então em intuição. A intuição é a luz interior e a perspicácia que nos permite penetrar na verdadeira natureza das coisas. É uma visão imediata da verdade, um conhecimento claro como cristal.⁽³⁾

Abrindo a nossa mente e o nosso coração à consciência, e seguindo a sua luz já a voz mais tranquila da intuição será capaz de ressoar mais e mais dentro de nós. Para isso podemos treinar a nossa aspiração para ler no interior. A consciência é assim a ponte para a intuição e uma importante chave para atingir um maior conhecimento.

As sete Chaves da Sabedoria

Um pensamento iluminado é que a sabedoria está lá. Não temos que a inventar; ela está inerentemente presente em toda a Vida. Se nós incluímos nisto outra vez as três proposições, nelas vamos achar a mais compreensiva sabedoria. Embora as três proposições estejam descritas numa forma bastante abstrata, todas as questões da vida podem ser respondidas com elas. E a questão é que a partir destes

princípios fluem as sete Chaves da Sabedoria. Sete leis da Natureza que são também encontradas nas filosofias do Oriente, onde são chamadas as “sete Joias da Sabedoria”, os *Sapta Ratnani*. Também chamadas as sete Fontes da Sabedoria, porque a partir destas sempre disponíveis fontes podemos sempre guiar-nos. A propósito, não pensemos que esta sabedoria reside fora de nós; ela reside dentro de nós, porque nós somos acima de tudo uma parte inseparável da Natureza, o nosso coração interior está inerentemente conectado com ela. A lição, então, é estudar as sete Joias, ganhar perspicácia e testá-las dentro de nós e contra o que ocorre na vida. As sete Joias são o seguinte.

Reencarnação e Karma

A primeira Joia é a ciclicidade ou reencarnação. A vida é um processo cíclico de actividade e descanso; cada ser está sempre a atravessar fases de vida exterior e interior. A segunda chave usualmente mencionada no mesmo momento da reencarnação é o karma: acção e reacção. Karma que vem da palavra sânscrita “kri”, traduzida por “acção”, exprimindo que cada pensamento e acto origina um efeito. Por intermédio da Lei do Karma tudo é reconduzido ao equilíbrio e à harmonia no Universo. Se olhar apenas para estas duas Joias, a infinita ciclicidade da vida e o Karma e as considerar ao longo da vida, verá que você chegará imediatamente a pensamentos e acções diferentes. Compreende a sabedoria dos iroqueses que falam de sete gerações?

Hierarquias

A seguir vem a Joia Hierarquias, que quer dizer que a vida se desenvolve em hierarquias. Todos os seres vivos pertencem a um todo maior de seres vivos, o qual é por sua vez parte de um todo maior. Tal como as células de um corpo humano são parte de nós, nós humanos somos por nossa vez parte da terra, e a terra é parte do sistema solar e por aí fora até ao infinito. Tudo existe no outro.

Tornando-se-em-si-mesmo

Dentro disto, cada ser tem uma essência essencial, um carácter único que ele expressa. Trata-se da 4ª Joia, Tornando-se-em-si-mesmo. Nós tornamo-nos naquilo que somos. Isto faz de nós responsáveis pelo nosso próprio carácter.

Desenvolvimento progressivo

A Joia do desenvolvimento progressivo mostra-nos quais

as possibilidades de desenvolvimento que há. Porque ultimamente nós somos muito mais do que nós expressamos agora. Todas as capacidades adormecidas na nossa consciência podem ser desenvolvidas se nós quisermos e nos focarmos nelas.

Dois Caminhos

Vemos agora que, desenvolvendo uma visão, isso ajudamos a acordar as faculdades adormecidas dentro de nós. Pode escolher fazer isto por si próprio, que é o Caminho de cada um para si próprio. Ou então fazer isto para o bem de todos os seres vivos e esse é o Caminho da Compaixão. Esta é a sexta Joia, os Dois Caminhos. O Caminho compassivo descreve a atitude mental que nós temos vindo a discutir nesta conferência, e é o objectivo do bem-estar para o todo, o do amor espiritual para todos os seres vivos. Mais será dito acerca desta via na segunda conferência.

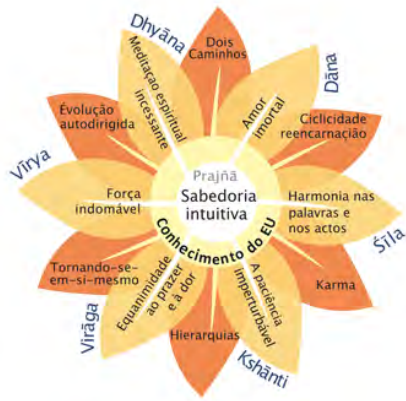
Conhecendo o NÚCLEO

A sétima Joia é o Conhecimento do SER, também chamado conhecendo o NÚCLEO. Aqui, a consciência da Unidade de todas as vidas transforma-se no guia de todos os nossos pensamentos e actos. Pode vir a conhecer o núcleo porque é aquilo que nós essencialmente somos.

Isto traz-nos à conclusão desta conferência. Temos falado acerca da sabedoria, visão e mentalidade e de passagem acerca das sete Joias da Sabedoria, mas mais tarde depois da próxima conferência sobre as virtudes ou Pāramitās, podemos estudar isto muito mais profundamente uns com os outros nesta oficina.

Referências

1. H.P. Blavatsky, *Collected Writings*. 15 Volumes, The Theosophical Publishing House, Wheaton 1990, Vol. 12, pág. 316.
2. G. de Purucker, *Esoteric Teachings*, Vol. 2, pág. 50-51 (edição 2015).
3. G. de Purucker, *Conscience and Intuition*, em *Studies in Occult Philosophy*. Theosophical University Press, Pasadena 1973, pág. 212-214. Incluímos este artigo nesta revista nas pág. 40-41.



Carácter-transformação em sete degraus

Na primeira conferência, fomos apresentados ao lenhador e à floresta. Nesta sessão vamos explicar como é que o lenhador *se transforma* na floresta. Isso soa um pouco estranho, mas queremos dizer que, por meio de uma transformação do nosso carácter, podemos activar a nossa própria visão interior. Podemos ver-nos como parte de um todo maior e não mais como um ser separado.

Pelo título, parece que se faz esta transformação em sete passos, mas vamos matizar isso imediatamente: na realidade, trata-se de uma mudança de mentalidade. É preciso desenvolver uma *mentalidade* diferente, uma maneira de pensar diferente.

No Budismo, fala-se acerca de “outra margem”. Quando se chega à outra margem, vê-se a unidade da vida e sabe-se que nós somos parte dela. Teremos, portanto, uma visão muito diferente da vida do que tínhamos quando estávamos “desta margem.” Então víamos coisas separadas umas das outras. Não se vê as conexões. Nesta sessão vamos tentar explicar como se alcança à “outra margem” ou como é que o lenhador se transforma em floresta.

Há sete ferramentas ou instrumentos que, se forem aplicados, nos ajudam a mudar a nossa mentalidade. Veremos então a vida como se a estivéssemos a ver “da outra margem”. Estas sete ferramentas são chamadas Pāramitās.

Pāramitās

Pāramitā é usualmente traduzido por

“virtude”. Contudo, esta palavra sânscrita quer dizer mais. Ela tem um significado profundo. *Pāram* significa “a outra margem”, ou iluminação perfeita. Fica em contraste com esta margem – a margem da existência material e ilusória. *Ita* significa “indo” ou “ido”. Assim Pāramitā significa sucessivamente indo para ou atingindo com sucesso a outra margem.

Veja-se: Pāramitā quer dizer mais do que justamente “virtude”. É uma visão; é uma capacidade que cada um tem: a capacidade para considerar a vida a partir do lado espiritual.

Se se considera a vida a partir da outra margem, também se agirá de uma forma diferente. É um facto que todas as pessoas, se elas olham profundamente para dentro de si, sabem como pensar e quais as acções que deveriam e as que não deveriam praticar.

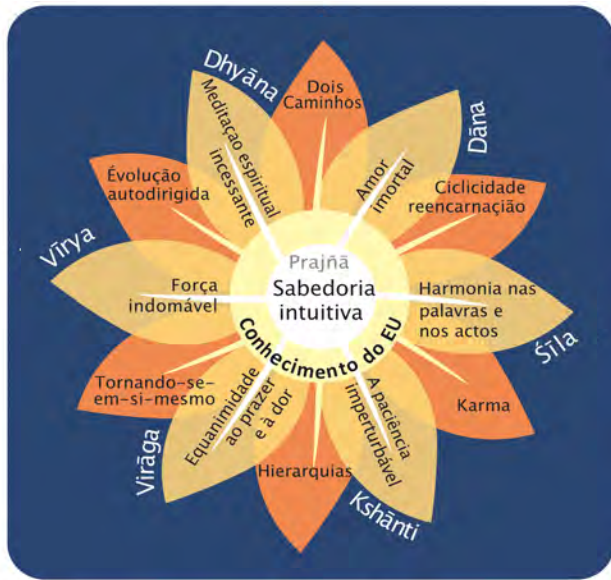
Quando se vive as Pāramitās, estamos a assumir as sete Joias da Sabedoria, talvez sem perceber e sem ter aprendido todas as suas implicações distantes de alcançar. As Pāramitās e as Joias estão, portanto, numa relação próxima uma com a outra, sendo as Joias a

Pensamentos-chave

» Podemos entrar “na outra margem”, ou seja, um desenvolvimento de uma visão completamente diferente da vida.

» As sete Pāramitās – virtudes exaltadas ou atitudes fundamentais – deviam ser consideradas como uma única realidade: uma mentalidade diferente.

» Ao desenvolver essa diferente mentalidade, encontraremos armadilhas: Poderes astutos e cruéis. Vivendo fielmente as Pāramitās, triunfaremos sobre eles.



descrição das Leis do Universo, as Pāramitās sendo as atitudes mentais que correspondem àquelas Joias e por meio das quais pode aprendê-las e praticá-las melhor.

Todos podem viver o seu ideal

Na sessão anterior foi traçado um quadro da sabedoria. Cada um pode formar uma imagem ideal de um mundo regido pela sabedoria, onde as pessoas, cada uma no seu próprio nível, aplicam a sabedoria na sua vida diária. Cada um pode fazer isso. Cada um sabe inatamente o que é bom. Temos conhecimento para construir um quadro mental de um mundo ideal baseado no amor e na fraternidade, mas muitas vezes acreditamos erradamente que tal mundo é uma utopia. Por outras palavras, achamos com frequência que é muito difícil colocar este sabedoria interior em prática. Ou uma pessoa acredita que é incapaz de praticar tal coisa.

Todavia, nós afirmamos que podemos na verdade construir um mundo futuro ideal, porque cada um tem todas as possibilidades dentro de si. Assim, cada um de nós pode contribuir. E as Pāramitās podem ajudar. Elas são as ferramentas com as quais podemos apoiar a nossa imagem ideal suprapessoal e aplicá-la na prática.

Viver para beneficiar a humanidade

Estamos a basear estas Pāramitās principalmente num livro de valor incalculável de H.P. Blavatsky *A Voz do Silêncio*. Aí se considera longamente as sete Virtudes de que os estudantes necessitarão para praticar na via do Caminho do Aperfeiçoamento Espiritual. Mas antes de começar este sétimo caminho do desenvolvimento, escreve a Helena Blavatsky, devemos ser claros quanto ao porquê de se querer

percorrer este Caminho. Qual é o nosso motivo? *A Voz do Silêncio* não tem hesitações acerca disto. Viver para beneficiar a Humanidade é o primeiro passo. Então seguem-se as Pāramitās.

Sete Pāramitās

Temos tentado deixar claro na imagem desta página que as sete Pāramitās são um conjunto. É como um diamante com sete faces. Não estão separadas umas das outras. Pode-se também ver que eles têm tudo a ver com as Sete Joias da Sabedoria. Mas porque nós estamos ainda nesta margem, discuti-las-emos mais ou menos separadamente. Embora tentaremos enquadrá-los num contexto mais amplo.

Dāna, Amor Imortal

A primeira Pāramitā é *Dāna*. Ele é descrito como “dar”, “generosidade”. O significado esotérico, como podemos encontrar em *A Voz do Silêncio*, é descrito como o “Amor Imortal”. E a palavra imortal está lá por uma boa razão. Aquela palavra não quer dizer simplesmente que o amor é imortal, mas que é dirigida para a parte imortal dos seres que ama.

Já reparou como *Dāna* corresponde belamente à primeira Joia da Sabedoria, que fala da ciclicidade, da reencarnação? Amamos aquela parte do outro que transcende a morte. Ama-se o espiritual, o lado suprapessoal, o verdadeiro ser humano que chega à terra, vida após vida, para aprender as suas lições. É o lado espiritual do homem que já vive na consciência da conectividade, mas que não pode expressar-se propriamente através do espesso véu que o homem pessoal tece à roda de si próprio no seu egoísmo e ignorância.

Dāna refere-se a *amar a humanidade como um todo*. Ele é independente da nacionalidade, da amizade ou dos laços de família. Dar significa doar-se para o desenvolvimento espiritual do todo. Inserindo-se na totalidade para mover toda a humanidade para a outra margem.

Śīla, harmonia entre a palavra e a acção

Estreitamente relacionado com isto é *Śīla*, harmonia na palavra e na acção. Isto tem tudo a ver com o karma, a lei da causa e efeito. Trata-se do padrão universal do hábito baseado no facto da natureza de que tudo se orienta para um equilíbrio harmonioso. *Śīla* é a chave que contrabalança a causa e efeito e não mais deixa espaço para a acção kármica. Porque nós ainda pensamos em nós próprios como seres separados dos outros, temos semeado bastantes causas de desarmonia. Se aplicamos *Śīla* viveremos uma vida

equilibrada, começando a partir do todo, que quer dizer que nunca mais agiremos contra a harmonia da natureza. A harmonia também significa que as nossas acções devem corresponder ao nosso ideal universal, à nossa visão da sabedoria. As nossas acções devem corresponder àquela visão.

Kshānti, paciência doce, que nada pode irritar

Kshānti, ou a doce paciência calma, não quer dizer esperar preguiçosamente o que é que o destino da vida tem para nos oferecer. Pelo contrário, é uma atitude activa na qual se sabe que as consequências que se colhem são justas e que não é adequado lutar contra elas. Deve-se suportá-las bastante corajosamente.

Kshānti, a paciência que nada pode perturbar, aplica-se a todas as facetas da vida, grandes e pequenas. Aplica-se aos temas fortes, como a morte e os desastres, mas igualmente – e por aqui se começa – é necessária para as coisas pequenas, como por exemplo não ficar aborrecido quando se está num engarrafamento de tráfico outra vez ou quando o seu colega falha a guardar os seus apontamentos pela enésima vez.

Pāramitās: um conjunto coerente

Como já disse, as Pāramitās não são dimensões separadas. Uma flui adiante da outra. Trata-se de um conjunto coerente.

Se se começa a amar nossos semelhantes, (Dāna), então saberemos imediatamente realizar a necessidade da harmonia (Śīla). Descobre-se que só por meio desse amor se pode levar harmonia para a nossa vida e para a sociedade. Afinal, se amamos a humanidade, seremos considerados pelos outros nos seus pensamentos e acções. Ao mesmo tempo, tem de praticar Kshānti, porque crescer em consciência algumas vezes leva tempo. Os momentos do crescimento nem sempre se verificam na altura em que as pessoas querem.

Kshānti não tem apenas a ver com o nosso próprio crescimento, mas também com o crescimento dos outros; de todas as espécies de seres, há os que são mais desenvolvidos e os que são menos desenvolvidos. Kshānti está intimamente relacionado com a estrutura hierárquica do Universo, a terceira das sete Joias da Sabedoria. Uma estrutura hierárquica implica que, a partir de uma certa altura, o ser mais desenvolvido, dentro de uma dada unidade, emana multidões de outros seres menos desenvolvidos. E estes seres criam um campo para seres ainda menos desenvolvidos. Etc. Todos aqueles seres trabalham em conjunto, tão próximos uns dos outros que formam uma unidade.

Todos os seres são portanto dependentes uns dos outros na

sua jornada cíclica. Na qual necessitam tempo para expandir a sua consciência. Nós humanos, por exemplo, necessitamos tempo para subir degraus interiores de forma independente; não podemos também forçar outros a crescer espiritualmente. Para dar um exemplo, cada bom professor sabe que há fases em que um estudante ou uma classe está pronta para novas aulas. Algumas vezes um professor deve esperar antes de dar nova matéria.

Virāga, equanimidade

Virāga, a quarta Pāramitā, indiferença ao prazer e à dor, não pode ser separada das anteriores. O amor, a harmonia e a paciência não podem ser praticadas se só vive para os seus prazeres. E se tem medo ou quer evitar os inconvenientes da vida. Deve haver uma certa indiferença em relação aos altos e baixos de se estar a experimentar as outras Pāramitās.

Deve saber-se que estamos a falar dos altos e baixos da personalidade, que, vivendo na ilusão da existência material, está sempre confrontada com o sofrimento, porque na existência material nada é durável. Por consequência, tudo transporta dentro de si a decadência e a dor, pelo menos é o que se passa com o ser humano enquanto vive desta margem.

Se ficarmos na outra margem, vê-se a ilusão da alegria e da dor pessoais, ambas as quais são ilusórias e temporárias e portanto eventualmente chegam ao fim. Ligarmo-nos a elas é ligarmo-nos à imperfeição e ao transitório.

Apesar do sofrimento e da dor, podemos mais facilmente encontrar paz mental quando se pensa que em cada estágio da nossa vida não somos nem mais nem menos do que aquilo que construímos, como ensina a quarta Joia da Sabedoria, *Tornando-se-em-si-mesmo*. Estamos sempre a criar-nos a nós próprios. E podemos tornarmo-nos muito mais do que aquilo que somos agora.

Contentemo-nos com aquilo que somos e com as circunstâncias em que vivemos, mas também sabemos que podemos conseguir muito mais. Não se ligue ao passado. O que está feito não se pode desfazer e colheremos as consequências um dia, como ensina o karma.

Ajuda-nos a ser equânimos se pensarmos que, cada pensamento nobre, cada acto de amor traz as suas consequências ao longo do tempo. Está portanto livre de expectativas. Não há esperança nem desespero. Age por a bem da acção e não deseje qualquer resultado para si próprio.

Vīrya, força indomável

Vivendo da outra margem, mudando a perspectiva da vida, isso requer uma forte autodisciplina. Todas as tendências chegam facilmente para voltar atrás ao velho

modelo de pensamento. Uma vontade indomável, uma força corajosa e a determinação evitam essa recaída. Só se pode convocar esta força dentro de nós se se está muito bem consciente do que se está fazendo. Se não há amor imortal (Dāna) harmonia (Śīla) paciência (Kṣhānti) e equanimidade para com todas as coisas terrestres (Virāga) – ou pelo menos um ideal baseado nestas ideias – então nunca se trará para a vida o poder – Vīrya – dentro de nós. Se queremos conquistar uma medalha olímpica – ou conseguir para nós qualquer objectivo pessoal – então teremos que fazer o necessário para atingir esse objectivo. Então teremos que desenvolver a disciplina para o conseguir mais cedo, treinar diariamente, enquadrar as nossas refeições com o nosso objectivo, etc. Praticar as Pāramitās não é prosseguir um objectivo, mas viver a partir de uma ideia espiritual, mas a comparação prevalece mesmo assim. Quanto mais forte for esta ideia da “outra margem”, da Unidade, tanto mais fácil será praticar Vīrya.

Repare-se que Vīrya está fortemente relacionado com a *Evolução Progressiva ou autodirigida*, a quinta Joia da Sabedoria. Evolução quer dizer desenvolvimento, ou descompactando das faculdades e propriedades já presentes mas ainda adormecidas. Nós, humanos, auto-conscientes, podemos acordar estas capacidades aplicando a nossa livre arbítrio. Por outras palavras, pelos nossos próprios esforços, com uma vontade firme, desenvolvemos, isto é, activamos as latentes capacidades dentro de nós - uma visão sempre mais brilhante e uma consciência sempre mais compassiva.

Armadilhas

Aventuramo-nos a dizer que, se aplicamos as Pāramitās, cobertos tão longe, quando atravessamos o rio da vida, não nos afogaremos. Embora necessitemos de várias vidas para alcançar a outra margem. Porquê isto? Porque muitas vezes caímos em velhos modelos. Porque através do crescimento espiritual, podem apresentar-se novos desafios desconhecidos. A dúvida e o medo são aquelas armadilhas, *Poderes astutos e cruéis*, como *A Voz do Silêncio* lhes chama. O medo mata a vontade e perturba toda a acção.

E o que causa o medo? A ignorância, a ligação ao velho, a dúvida acerca da desconhecida vida espiritual. Trata-se de uma espécie de conexão com uma visão desactualizada, a visão desta margem.

No entanto, não há nada a temer. O homem é um eterno peregrino. Ele sempre esteve lá, sempre estará lá. Ele desenvolve degrau em degrau o Amor Imortal, (Dāna), o conhecimento sobre a lei da harmonia, Karma (Śīla), da estrutura do Universo no qual cada um tem o seu

próprio lugar de acordo com o seu carácter – resumindo, o conhecimento das sete Joias expulsa a dúvida e o medo. A dúvida e o medo vêm insidiosamente. No começo é um pensamento fugitivo, mas se não o enquadrarmos imediatamente com um pensamento “da outra margem”, ele crescerá como um minhoca num fruto.

Talvez maior armadilha que o medo seja o orgulho, que nos pode chegar à cabeça quando já vivemos as Pāramitās e pensarmos que somos bem sucedidos ao vivê-las. Quase impercetivelmente chega um certo orgulho, porque o mundo ilusório não tem mais, ou parece não ter mais influência sobre si.

Vivemos numa certa paz do mundo espiritual, e chega um sentimento de que os outros não estão tão avançados como nós, e que eles, como nós, devem elevar-se do sofrimento. Pode aperceber-se do atraso dos outros e o contraste deles com os nossos méritos. Este sentimento pode interferir com o nosso progresso espiritual.

Primeiro que tudo podemos perguntar a nós próprios se é realmente o atraso dos outros de que nos apercebemos. Ou não será a sua própria imperfeição que estamos a projectar nos outros?

Esteja muito consciente disto. Nunca julguemos, mas sejamos um guia, apontando para o outro lado, ainda que esta posição lhe cause muita dor. A bela linguagem de *A Voz do Silêncio* exprime isso desta maneira:

... a tua Alma deve tornar-se o fruto maduro da manga; tão suave e doce como a sua polpa dourada brilhante para os lamentos dos outros, tão dura quanto a pedra dessa fruta para os seus próprio dor e sofrimento.⁽¹⁾

Alguma espécie de orgulho, ainda que subtil, imaginando-nos nós melhores do que os outros significa que estamos ainda sujeitos a Māyā, o mundo da ilusão.

Caindo e levantando-se

Quando está prestes a cair numa armadilha – ou quando já caiu dentro dela – não pense que fez uma coisa má ou que foi vencido pelo mal. Está simplesmente a produzir-se a visão desta margem. O facto de reconhecer a armadilha quer dizer que sabíamos que poderíamos actualmente fazer melhor. Trata-se já de um importante degrau para o crescimento.

O único fracasso real é parar de tentar fazer melhor da próxima vez. É precisamente quando ficamos grudados à visão desta margem que é bom contemplar as Pāramitās e usá-las. Estudá-las constantemente. E isso não significa

que tenhamos de saber palavras sânscritas, mas tentar pensar qual a atitude, qual a mentalidade de que se necessita para vivê-las. Contemplá-las de manhã quando acordamos e à noite antes de ir para a cama. Faça delas uma parte da sua consciência. Tornemo-nos nelas. As capacidades para viver as Pāramitās estão presentes em todos os seres humanos. Tenhamos fé, porque podemos actualmente fazê-las activas em nós próprios.

Dhyāna, meditação espiritual

A sexta Pāramitā, *Dhyāna*, trata da meditação silenciosa, meditação espiritual. Esta Pāramitā também não pode ser separado dos anteriores.

A meditação aqui referida não quer dizer retirar-se da vida e focar-se completamente no divino, a Fonte de onde tudo emerge. Certamente que nos devemos focar naquela Fonte, a Vida Una, que subjaz a tudo. Mas essa consciência da Unidade não nos impede de cumprir o nosso dever para com os outros companheiros.

Dhyāna quer dizer que, desde que nos levantamos até que vamos dormir, estamos focados no Ideal suprapessoal que tudo permeia. Não numa maneira forçada, mas como uma luz suave que permeia todo o nosso ser. A Luz começa a brilhar dentro de nós. Ela brilha como Dāna, como Śīla, ela ilumina todos as Pāramitās, porque o ideal subjacente, tanto como o motivo – *viver para beneficiar a humanidade* – está sempre presente no fundo de sua consciência, tal como uma criança, um dia antes do seu aniversário, sabe a cada momento do dia que amanhã é o seu dia especial.

Dhyāna corresponde à sexta joia da Sabedoria: *os Dois Caminhos*. Por outras palavras, é tudo acerca do motivo. Qual é o nosso objectivo? Por que é que se quer alcançar a outra margem? Caminhamos pelo caminho egoísta e esforçamo-nos pela nossa própria paz e bênção? Ou caminhamos pela via da compaixão e o nosso objectivo é ser capaz de ajudar os outros, inspirá-los a desenvolver a espiritualidade, de modo a que eles também se libertem da limitada e tantas vezes triste existência material.

Vê-se imediatamente em que consiste o teste. Se ainda temos pensamentos terrestres, nos quais o ego pessoal joga um papel central, se ainda se atribui realidade a este mundo, que se manifesta, por exemplo, em ambição, desejo, raiva, orgulho ou mesmo rejeição ou inimizade pelo mundo material, então cairemos numa armadilha e, trepando pelos seus pés, terá que recomeçar tudo outra vez. Porque, naturalmente, haverá sempre uma nova oportunidade, desde que nos levantemos outra vez.

Ora, quando se pratica Dhyāna, por um lado pode ver-se

claramente o vazio, a impermanência, e a ilusão da vida material, mas por outro lado percebe-se que para muitas pessoas aquele mundo ilusório é uma completa realidade. Essa realização desperta uma compaixão tão poderosa que tomamos a firme decisão de viver em ordem a mostrar às pessoas o caminho para a outra margem; para inspirar as pessoas a viver as Pāramitās de modo a que elas se libertem de todas as limitações. O primeiro degrau, a que chamámos a *Voz do Silêncio*, é viver para beneficiar a Humanidade mas, de facto, isto aplica-se em cada degrau que sobe no Caminho da Compaixão.

Prajñā, conhecendo intuitivamente

Finalmente temos *Prajñā*, a sétima Pāramitā, o coração da flor. Guardámo-lo como sobremesa para a última conferência. Nós sabemos: a sobremesa é sempre a melhor parte da refeição. Agora apenas mencionarei isto, mas na última conferência será melhor explicado.

Prajñā é conhecer intuitivamente a estrutura do Universo – as Joias da Sabedoria – e viver a atitude mental que corresponde a isso – as Pāramitās.

Deve perceber-se agora que aquelas Pāramitās e as Joias da Sabedoria estão inextricavelmente ligadas uma à outra para se reforçarem mutuamente. Através do estudo das Joias pode chegar-se à compreensão de como a Natureza e a Vida estão estruturadas, mas se nada fazemos com este conhecimento ele não tem utilidade. Só quando se retiram as consequências éticas daquele conhecimento e as aplicamos, então o compreenderá realmente. Assim, isso é com tudo. Podemos estudar a teoria da física, mas só quando se trabalha com ela – por exemplo, quando nós, como electricistas, tomamos em linha de conta com a lei de Ohm – então é que pomos o nosso conhecimento em bom uso.

As consequências éticas das Joias estão descritas em sete fundamentais atitudes mentais. Conhecendo-as, por meio de uma prática paciente e persistente, pode atingir uma transformação do carácter. Há uma conexão recíproca entre as Joias e as Pāramitās, porque através daquelas atitudes mentais fundamentais também compreenderemos melhor e mais profundamente as sete Joias.

Se ainda não sabemos que não há actualmente nenhuma diferença entre as Pāramitās e as sete Joias da Sabedoria, então ainda não atingimos o estado de *Prajñā*.

Referência

1. H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*, fragmento III, primeira edição, 1889.

Anuncio Simpósio 2022

Para o Simpósio de 2022 da STPL vamos prosseguir com os temas de 2020 e 2021, que estão focados essencialmente nos três fundamentos de *A Doutrina Secreta*, nas sete Joias da Sabedoria e nas sete Pâramitãs. O título do Simpósio de 2022 é:

Procura independente da verdade

*Descubra o seu caminho no mundo do “fake” e da “ilusão”
Descubra o que você é e seja o que é*

A reportagem do Simpósio de 2020 pode ser encontrada no nosso website *Lúcifer, o portador da Luz* Simpósio: A Doutrina Secreta - A Teoria de Tudo. <https://blavatskyhouse.org/magazine/magazines-in-other-languages/>

As conferências do simpósio deste ano e do ano anterior estão também no nosso canal YouTube.

- Simpósio 2021: <https://blavatskyhouse.org/symposium/archive/symposium-2021/videos/>
- Simpósio 2020: <https://blavatskyhouse.org/symposium/archive/the-secret-doctrine-the-theory-of-everything/>
- Perspectiva geral de todos os simpósios: <https://blavatskyhouse.org/nl/symposium/archive/>

Na preparação para o simpósio foram usados as seguintes obras em articular:

H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*

Este livrinho contém excertos de “O Livro dos Preceitos Dourados” traduzido e anotado por H.P. Blavatsky. Este é um livro para o uso diário de Lanoos, discípulos ou estudantes da via do crescimento espiritual. No terceiro fragmento, as Pâramitãs, são descritos em detalhe de uma forma muito inspiradora.

G. de Purucker, *Fundamentals of Esoteric Philosophy* (*Fundamentos da Filosofia Esotérica*. Está em preparação uma tradução portuguesa desta obra padrão.) Este livro é uma narração literal das conferências dadas por G. de Purucker nos anos 1924-1927 aos membros da Secção Esotérica. As conferências apareceram impressas para o público em geral em 1932. Em *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, G. de Purucker explica todos os ensinamentos essenciais abordados em *A Doutrina Secreta*. Neste trabalho, as sete Joias da Sabedoria são dadas por uma ordem fixada. Cada uma destas Joias pode ser encontrada na obra de H.P. Blavatsky e em outros escritos filosóficos e religiosos da antiguidade, mas não de uma forma regular.

G. de Purucker, *Esoteric Teachings, Vol. 1*

[*Ensinaamentos Esotéricos, Vol. 1*]. Este primeiro de entre doze “Ensinaamentos” para estudantes da secção esotérica mergulha profundamente nos aspectos éticos dos *chelas* (estudantes na via do crescimento individual). As Pâramitãs são discutidos e explicados em detalhe.

Lúcifer, o portador da luz, revista nr. 4, 2020 – a Teoria do Tudo.

Isto é uma reportagem integral do Simpósio de 2020, da Sociedade Teosófica de Point Loma, secção Holandesa, que discute as três proposições de *A Doutrina Secreta* e considera as suas implicações se nós as aplicamos.

Pode encomendar-se este livro a partir da loja on-line (<https://blavatskyhouse.org/home/webshop/>).

Fundamentals of the Esoteric Philosophy e *Lúcifer, o portador da Luz*, podem ser copiados livremente.





Seja a mentalidade do futuro!

Depois das conferências “O que é a sabedoria” e “Carácter-transformação em sete degraus” e das nossas conversas acerca desses temas nas oficinas, vamos para o próximo degrau, a que eu chamaria um degrau subtil. Barend Voorham afirmou na sua conferência que nós deveríamos fazer o nosso melhor para alcançar a outra margem. Eu tenho algumas ideias que gostaria de vos apresentar. Tente provar as finas nuances da mesma ao deixar que os pensamentos que apresentamos afunda-se hoje, no tempo que se avizinha.

No âmago da nossa representação das Joias da Sabedoria e das Pāramitās, encontramos a Sabedoria intuitiva e o Conhecimento do Núcleo. Ora, a sabedoria intuitiva parece um pouco como a ser-nos respirada, mas vou explicar que existe alguma diferença. Podemos pensar nas Joias da Sabedoria como leis muito interessantes do ponto de vista técnico e podemos pensar nas Pāramitās como regras de conduta no sentido de que “isto é o que eu deveria fazer”. Mas então falta-nos a essência do que nós queremos fazer com este conhecimento. Podemos seguir regras de conduta, tais como as regras de tráfico que sabemos ser sensato seguir. A questão põe-se então se temos também a convicção interior para o fazer assim. Mas as Pāramitās são um modo de vida: nós podemos *ser* aquelas virtudes. E isto é exactamente do que trata a nossa conferência: *sendo*.

Como primeira conexão com essa sabedoria intuitiva, olhada sob o ponto de vista da Teosofia, reconheceremos

a nossa consciência. A nossa consciência é uma peça do conhecimento que nós acumulámos em encarnações prévias. É uma visão que nós experimentamos em especial nos momentos em que temos dilemas éticos: “deveria eu fazer aquilo que estou a planear agora”.

Quando nós permitimos esta esfera de influência, *este* poder da nossa consciência, ter um papel, abrimos o nosso pensamento à sabedoria intuitiva dos mais elevados níveis de consciência nos quais estamos normalmente activos. Damos conta então das nossas capacidades para descobrir coisas, para resolver problemas – não na base do pensar $2 \times 2 = 4$, mas do conhecimento interior.

Com tal atitude mental, seremos nós familiarizados com as leis da natureza – as sete Joias – e perguntar a nós próprios como poderíamos adaptar o nosso comportamento para as manejar devidamente. Assim precisamos conectar as Joias da Sabedoria e as Pāramitās. Como iremos combiná-las?

Pensamentos-chave

- » As regras da vida são, ao contrário das regras de conduta, baseadas na *insight*.
- » Vivendo Prajñā – sabedoria intuitiva – cria-se uma atmosfera benéfica.
- » Cada ser humano atrai ou repele, tal como um magneto, pensamentos e pessoas.
- » (Auto)-educação: fazendo sobressair as nossas capacidades interiores.

Prajñāpāramitā

- Sabedoria intuitiva
- Regras de conduta (seguindo-as)
- Regras da vida (sendo eles)

O simbolismo da outra margem

- Significa ser, não esforçar-se
- Sendo sábio:
 - Possível em cada momento
 - Partindo desde o nível humano

O simbolismo da outra margem

Para responder a essa questão, temos que olhar primeiramente para uma distinção muito subtil que o Sânscrito faz. O Sânscrito é muito detalhado no uso dos diacríticos, tal como o significado de uma palavra pode assumir um sentido diferente. Assim acontece com a palavra Pāramitā. Com um hífen acima do ultimo “a” significa aquela virtude transcendente ou traço de carácter necessário para *alcançar* a outra margem. Sem esse hífen, Pāramitā quer dizer “ido”, *atravessou-se para lá*, está completo, estamos na outra margem.

Agora é muito interessante praticar o pensamento *a partir da* outra margem. Então já não nos aproximaremos do nosso objectivo com a atitude mental de “Vamos tentar isto”. Em nós próprios pode ser uma “intenção recomendável”, mas a melhor aproximação é simplesmente agir. Nenhumas dúvidas, mas convicção.

Um exemplo simples: podemos estudar a teoria da natação e que movimentos fazer, mas para dominar esse tema teremos eventualmente de ir para dentro de água. Estejamos seguros que flutuaremos.

Na verdade, isso é como na própria vida. Podemos ser ajuizados em todos os momentos – agora vou enfatizar: a partir do nível humano. Isto porque os seres humanos situam-se no estádio em que o desenvolvimento a *autoconsciência* e que pode escolher pensar e trabalhar a partir das suas mais elevadas características.

Não se trata de cada um de nós poder desenvolver imediatamente sabedoria perfeita em linha recta. Mas podemos expressar alguma dessa sabedoria no nosso nível humano. O pensamento: “vou tentar ganhar sabedoria” não chega.

Só com esta decisão “agora vou aplicar isto esforçadamente” conseguirá alguma coisa. É muito importante conservar isto na mente. Trata-se de *ser* e não de *se esforçar*.

Lembremo-nos de que as boas intenções não trazem progresso. Podemos prometer a nós próprios fazer alguma coisa “amanhã”. Deixar de fumar é uma boa intenção, mas terá que fazer actualmente alguma coisa. O ponto da questão é esse.

Como mostrámos na conferência *Carácter-transformação em sete degraus* “olhando para o outro lado e querendo ir para lá” é bom, mas em algum momento teremos de aplicar aquilo que acumulámos. É assim a mentalidade do futuro. Não se trata exactamente de um assunto meramente individual, mas, muito mais importante, mas antes a que esferas de pensamento nós, com todos os nossos atributos combinados, transportamos para a vida colectiva. Nós construímos a mentalidade do futuro colectivamente.

Modelos habituais elevados

Temos falado – e isto é um pensamento muito profundo na Teosofia – que as sete Joias da Sabedoria são os modelos habituais da mais elevadas consciências. Concordamos completamente com isto: elas fluem directamente das três Proposições Fundamentais de *A Doutrina Secreta*. Requerer-se um pouco de ginástica búdica para seguir aqueles passos, porque é a consciência, a vida, que determina.

Assim, as sete Joias da Sabedoria são os mais elevados modelos da mais elevadas consciências de que nós somos uma parte, dentro das quais vivemos numa estrutura hierárquica. O topo dessa hierarquia estabelece a estrutura para os planos subjacentes. Assim como nós por nossa vez. Os nossos habituais modelos formam as leis para as células dos nossos corpos – e que aqueles modelos não são sempre bons é mostrado pelo facto de que ficamos doentes de quando em quando. O equilíbrio dentro da nossa hierarquia individual deve ser restaurado.

O que é que isto quer dizer para nós? Para explicar isto melhor, tomarei o magneto como exemplo. Um número das suas propriedades pode facilmente ser comparado connosco. Um magneto é um objecto dinâmico: há uma contínua atracção

As leis naturais são os modelos habituais da mais elevadas consciências

- Tudo é vida / consciência
- Há vida dentro da vida, numa estrutura hierárquica
- O topo da hierarquia estabelece a estrutura para os planos subjacentes
- Assim como nós por nossa vez

ou repulsão. Mas quando dois magnetos estão juntos, há repulsão se a polaridade não está alinhada.

Múltiplos magnetos em conjunto produzem um resultado conjunto que se traduz em cooperação quando eles se ligam na direcção certa e oposição quando eles se unem de forma errada. Daqui resulta uma soma algébrica de vantagens e desvantagens.

Assim trabalha igualmente as consciências. Na verdade, toda a consciência trabalha como um magneto; estamos sempre a influenciarmo-nos uns aos outros. Assim, nunca podemos estar em qualquer lado sem nos influenciarmos uns aos outros. Seja para onde formos, façamos aquilo que fizermos, estamos sempre a gerar uma influência a partir de dentro. Às vezes, naturalmente, aqueles efeitos são desprezíveis, mas basicamente há sempre uma influência. Trata-se de um processo dinâmico numa escala deslizante, proporcional à distância; a distância física para um magneto físico e uma distância mental para os seres humanos.

Isto quer dizer que o nosso carácter pode bem ser comparado ao carácter de um magneto: a “cor”, o poder, a forma, criam o campo. Repelimos outros seres e atraímos outros seres de acordo com o nosso carácter. Isso trabalha muito subtilmente; quando nós entramos num determinado lado, o nosso carácter irradia qualquer coisa que tem sempre um efeito em qualquer caso.

Tudo é educação

Quando combinamos esta perspectiva com as Joias da Sabedoria e as Páramitās, podemos ver claramente que isto tem muitas implicações. Adentro das fileiras teosóficas, há algumas vezes debate acerca da *natureza versus educação* (*nature versus nurture*), ou por outras palavras, natureza, o inato, versus o que nós praticamos e desenvolvemos, ou seja a dimensão educativa e pedagógica. Mas quero acen-tuar claramente que *natureza* é de facto *educação* em encarnações anteriores. O que aprendemos *então* tornou-se

o nosso carácter. “Nada é o que parece”, tudo está sujeito a mudança. Portanto, a partir do ponto de vista da Teosofia, a questão da *natureza* não existe. De facto, é sempre *educação*; tudo é educação; as capacidades são expressas de dentro para fora.

De acordo com a primeira proposição de *A Doutrina Secreta*, transportamos dentro de nós, latentemente, todas as qualidades, e lenta mas seguramente aprendemos a expressar estas infinitas capacidades cada vez melhor. E isso mostra como a educação é extremamente importante. Aquilo que aprendemos na vida, a partir do que aprendemos, assim ensinamos outras pessoas?

Desenvolvimento mental

Katherine Tingley, a terceira Líder da Sociedade Teosófica Point Loma, escreveu *The Travail of the Soul* (*O Trabalho da Alma*) em 1927.⁽¹⁾ Um livro fantástico, mas estou a dizer isto cautelosamente; está escrito no espírito típico dos anos 20 do século passado. Os exemplos da vida da família, os relacionamentos e a posição das mulheres são conservadoras para o nosso tempo e, para o dizer levemente, não farão as feministas felizes. Mas olhando para além disso, ela descreve – sem usar linguagem técnico teosófica – muito apropriada e precisamente, aquilo que nós ouvimos nas conferências desta manhã.

Por exemplo, ela descreve um quadro maravilhoso da situação na qual duas pessoas jovens de cerca de dezasseis anos de idade se encontram, com o objectivo de se conhecerem um ao outro e eventualmente começarem uma família. O que importa neste exemplo é que está a construir-se uma esfera. É isso que determina o que é que estas pessoas atraem, quer eles queiram ou não isso conscientemente, essa influência é activa. *Este processo de criação de uma atracção aplica-se não apenas a jovens casais ocupando o tempo a construir uma atmosfera comum mas também a relações espontâneas, onde as características comuns chegam em conjunto e consequentemente também criam uma atmosfera, a qual determina o que eles atrairão.*

Agora a coisa interessante é que em 2018 foi publicado um livro intitulado *Os primeiros 1 000 dias* (Título holandês: *De eerste 1.000 dagen*), infelizmente não traduzido em inglês ou português, que é uma perfeita confirmação do que Tingley escreveu. Com a anotação de que ele trata de uma quantidade de consequências físicas, embora se preste também atenção a influências mentais. Este livro é baseado num estudo de um velho arquivo de um hospital em Amsterdão de crianças nascidas nos anos 1944-45, tal como estão descritas em 2010 no livro *Babies of the Hunger*

Winter (Crianças no Inverno esfomeado).⁽²⁾ Estas pessoas aproximaram-se outra vez e as suas histórias de vida foram analisadas. Isto rendeu extraordinárias conclusões que se ajustam perfeitamente com o quadro teosófico que Tingley traçou atrás precisamente há cerca de um século; como é que as esferas de um certo meio dirigem o desenvolvimento mental das pessoas para as forças de atracção e repulsão que nós podemos comparar com a acção dos magnetos. E aquelas conclusões foram longe. Por exemplo, uma das questões era: “Quando é que a influência daqueles primeiros milhares de dias começam? O investigador respondeu cautelosamente: “Actualmente, antes da concepção.” Por outras palavras, a esfera dos pais é um factor importante. Isto é exactamente o que Katherine Tingley descreve.

Treino mental

Com o exemplo do magneto em mente, é claro que aquilo que nós atraímos é baseado “naquilo que nós somos” e não baseado “naquilo que nós gostaríamos de ser”. Se nós então ousarmos olhar para o espelho para nos vermos a nós próprios, veremos que construímos relações de acordo com aquele perfil. Tal como os magnetos interagindo uns com os outros, o resultado final é as características que nós atraímos e repelimos; atracção e repulsão, temperadas pela nossa influência mental. Se nós deixarmos isto afundar-se por um momento, podemos ver quão longe se estendem as consequências disto.

Naturalmente, a nossa atitude mental pode ser mudada. Segundo a Teosofia, tudo pode ser treinado e aprendido. E, realmente, o treino mental é o mais importante aspecto das nossas vidas.

Afirmamos que tudo é educação. As nossas capacidades são guiadas para fora a partir de dentro. Neste momento, a educação é de facto outra palavra para definir o crescimento espiritual. Não se trata de problemas físicos, mas de treino mental. E esse processo continua do nascimento em diante. Encaramos aqui e agora também temas de enorme importância, de temas como: o que é que os nossos pais pensam, de quem herdámos a educação, para que espécie de escola vamos, que tipo de professor temos diante da classe? Será que tal professor nos mostra o melhor caminho para uma posição melhor na sociedade ou ensina-nos a desenvolver as melhores qualidades dentro de nós? Será que eles sabem estimular-nos, não através da punição, mas mostrando o que está dentro de nós e como podemos trazê-lo para fora? Nada é mais importante neste processo de treino mental. Resumindo, o grande desafio da educação reside no percurso de zero a 21 anos de idade. Qual a esfera dos pais,

que espécie de sistema escolar é que eles escolhem para os seus filhos, qual é o nível da escola?

Autoeducação

Quando perguntaram a Sócrates o que é uma boa educação e por que é que nós não podemos educar-nos a nós próprios, a sua resposta foi muito simples: se temos um cavalo jovem que queremos montar e nunca o fizemos antes, treinariamos nós próprios o cavalo ou contrataríamos um bom treinador? A resposta, evidentemente, seria a de um bom treinador. Por outras palavras, a educação é extremamente importante.

Tanto para “a ajuda externa”. Vamos assumir por um momento que isto foi perfeito. Então este processo está mais ou menos completo à volta dos 21 anos de idade. Naturalmente, podemos continuar a mergulhar profundamente em todas as espécies de fontes interessantes das nossas vidas – a Teosofia, por exemplo. Os nossos cursos *Pensar diferentemente* e *Sabedoria da Vida* são um bom exemplo de educação adulta sob este ponto de vista. Mas a partir dos 21 anos defrontamos o desafio da autoeducação. E isto torna-se muitas vezes difícil, mesmo que as pessoas tenham clareza quanto a um bom treino por, digamos, uma educação Montessori ou uma educação na escola clássica Rāja-Yoga, como ela existia em Point Loma, na Califórnia, na altura e K. Tingley. Então quando é que os problemas chegam, em que idade? Logo que nos tornamos independentes, a nossa sociedade vai exercer uma certa influência em nós, que não corresponde necessariamente aos ideais que recebemos durante a nossa educação infantil. Aí reside o desafio. Muitas pessoas, mesmo se tiveram uma boa educação, a partir de um ponto de vista teosófico, estariam balançadas por esferas sociais de influência e desenvolvem portanto gradualmente um carácter diferente.

Trabalhando no ser

Quando, com o exemplo do magneto em mente, consideramos as consequências dos relacionamentos que estabelecemos, e as interações que temos uns com os outros, vemos também como é importante pensar a partir da outra margem. Não tentando ser, mas *sendo* por convicção.

É disso que se trata. Podemos estudar todas as palavras de H.P. Blavatsky e de G. de Purucker de trás para a frente, mas a menos que trabalhemos no *ser* não faremos progressos. Devemos treinar o magneto dinâmico que nós somos, formando o nosso carácter tal como trabalhamos.

Isto não é fácil. Todos sabemos que as mudanças na nossa sociedade são muito lentas, enquanto também sabemos

que as coisas podiam mudar muito para melhor. A inércia das pessoas para ajustar o seu carácter, para que uma esfera de pensamento diferente e outra estrutura possam emergir na sociedade originam processos muito lentos e frequentemente árduos. Mas as coisas nunca mudam se nós não as começamos a mudar.

Se nós, que somos umas poucas centenas de pessoas activas durante este simpósio, agarrarmos este trabalho dentro de nós, então ocorrerá já na sociedade uma mudança na esfera de pensamento. É a força de vontade para pensar a partir da outra margem.

Não importa se apenas podemos implementar este aspecto de uma forma muito limitada. O importante é fazê-lo. Certamente que não somos perfeitos, mas isso não é importante. Aprendemos ao longo do caminho, e assim é bom recordar que, por intermédio das conexões que temos uns com os outros, nós também levamos o nosso crescimento interior para a sociedade.

Portanto, vemos que trabalhar as nossas ideias se torna um processo colaborativo. Isto não se trata de trazer umas poucas de coisas em conjunto: isso começa com a esfera de pensamento que nós construímos uns com os outros. Na fase “embrionária”, esta esfera determina o pensamento. Pode ser no começo de um negócio, na família, num clube de futebol, mas o pensamento sempre cresce dentro da esfera que nós todos construímos. E então, quando tomam forma, o desafio segue para manter a forma original, a imagem ideal.

Não ódio, mas amor *imortal*

A responsabilidade do educador abrange os estádios desde o crescimento e educação até ao estado adulto. Depois disso, funcionamos independentemente naquele processo de interacção. Um grande processo, no qual nós devemos conservar na mente que ambos, o amor e o ódio, são forças vinculativas.

Se não queremos mais uma coisa, não deveríamos amá-la, mas acima de tudo não devíamos odiá-la. O ódio não traz nenhum progresso à sociedade. Tal como o amor, o ódio prende, mas vive na espiral negativa: se nós pensamos que alguém que fez alguma coisa errada deveria sofrer, estamos a perpetuar, segundo a lei de causa e efeito, a ciclicidade do sofrimento no mundo. Necessitamos de chegar a um caminho construtivo para trabalhar em conjunto. E então veremos com rigor a importância das Pāramitās, como, por exemplo, Dāna, o amor imortal, e Kshānti, a paciência tranquila de que nós então necessitamos.

O nosso carácter é mutável, treinável para realizar as Pāramitās na prática da vida. Com efeito, esse desenvolvimento

O nosso carácter é a soma total dos modelos habituais das vidas passadas

- O nosso carácter é mutável
- Pelo treino mental na prática diária
- O desenvolvimento mental e treino são os mais importantes
- Trabalhar junto com as Leis, a partir da recta atitude mental; usar as leis, mas não apenas para si próprio
- Trabalha com a natureza e ela fará reverência

mental é a coisa mais importante que nós podemos experimentar nas nossas vidas. Não é importante o lugar que ocupamos na escada económica do sistema, mas sim o que fazemos dentro da hierarquia do desenvolvimento mental na sociedade. Somos uma inspiração para os seres humanos nossos companheiros ou actualmente não muito?

Podemos construir uma sociedade melhor com o conhecimento das Joias da Sabedoria. Se usamos aquelas leis, trabalhamos com a natureza, vamos atrás do fluxo. Como assevera perfeitamente H.P. Blavatsky:

Ajuda a Natureza e trabalha com ela: e a Natureza te considerará como um dos seus criadores e fará reverência.⁽³⁾

Isto leva-nos a uma pergunta retórica a fazer a nós próprios: *que contribuição é que costumamos dar à sociedade?* Temos querido tornar claro que somos *nós próprios* que somos uma contribuição viva para a sociedade. Ainda que cheguemos à conclusão de que estamos sentados numa cadeira e não fazemos nada mais – mesmo assim estamos contribuindo para a sociedade. Talvez não a contribuição mais estimulante, mas sempre contribuímos com uma certa atitude. Estamos *sempre* a contribuir para o colorido da nossa sociedade. Estamos *neste momento* a definir a mentalidade do futuro.

Referências

1. Katherine Tingley, *The Travail of the Soul*. The Aryan Theosophical Press, Point Loma 1927. Disponível para cópia livre em: www.blavatskyhouse.org.
2. Tessa Roseboom, *De eerste 1000 dagen (Os primeiros 1000 dias)*, De Tijdstroom, Utrecht 2018. E: *Baby's van de Hongerwinter* (com Ronald van de Krol), Atlas-Contact, Amsterdão 2010.
3. H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*. Fragmento 1. Primeira edição 1889.



Desenhando o futuro: apenas *esperança e confiança?*

Na verdade, o homem é parte do ilimitado, ele *é* o Ilimitado. Ele detém os potenciais do TODO nele, e é no presente um Buddha no estado embrionário. Tal como um embrião se desenvolve, assim o homem é capaz de se desenvolver, alcançar as visões e as perspectivas mais elevadas acerca da Vida, para mudar a perspectiva, tomar a sua vida nas mãos e assumir a responsabilidade por ela. Podemos receber a luz quando aprendemos a ver e a ouvir e podemos levar a luz aos outros; podemos inspirá-los e transformar a sua esperança em confiança.

Mudar de perspectiva é necessário

Por que é que escolhemos este título? “Transformar a *esperança* em *confiança*?”

Vivemos numa época de movimentos constantes e de mudanças radicais na tecnologia e oportunidades. Tormentas de informação dificilmente podem ser processadas e é difícil reconhecer qual é a informação correcta e qual é a falsa. Temos de tomar decisões constantemente; somos constantemente solicitados sobre se devemos fazer isto ou aquilo. Isto aumenta o medo de não ser capaz de se adaptar, de ser deixado para trás, de ficar perdido. Este medo e o nosso foco em

satisfazer os nossos desejos aumenta o nosso egoísmo (“então vou apenas obter o que é certo para mim”).

Raramente tiramos tempo para ficarmos em silêncio, simplesmente para aquietar as nossas mentes. Em situações de crise, às quais todos nós estamos sujeitos de vez em quando, muitos não encontram um ponto de apoio. Eles já não têm uma âncora na religião, nem em nenhuma filosofia de vida que lhes dê o significado da vida e uma visão de grande amplitude. O ser humano torna-se visivelmente desanimado. Muitas doenças mentais e um certo cansaço da vida estão a espalhar-se.

Aquilo de que necessitamos é de uma forte e convincente visão da vida. Imagine-se que conhecemos as leis universais segundo as quais toda a vida é governada. Saberíamos a posição do homem no Universo, qual é a sua missão. Saber-se-ia que novos e ao mesmo tempo velhos reinos conhecidos vamos visitar depois da morte para recuperar, com o objectivo de então, já novamente fortalecidos, seguirmos outra vez com as nossas tarefas como humanos nesta terra. Saberíamos como enobrecer o nosso carácter e portanto servir-nos a nós próprios e servir utilmente todos os seres vivos. Saberíamos que este serviço nos proporciona grande satisfação, significado e alegria.

Pensamentos-chave

» Estamos na margem materialista das percepções sensoriais e da dualidade.

» Alcançamos a verdade pura na outra margem estudando as Leis da Vida e vivendo e sendo as virtudes.

» Por este meio desenvolveremos cada vez mais uma forte e convincente visão da vida.

Verdade relativa

Transforme a *esperança* em *confiança*. Ambos os termos se referem à expectativa que nós temos em relação ao futuro. A esperança é baseada na incerteza hesitante; é uma tentativa e envolve uma possível dúvida, enquanto que a confiança é a firme convicção de que algo vai acontecer.

“Espero que tudo irá correr bem!” A confiança é mais forte. Assim, em que é que esta esperança e confiança estão baseadas? Onde é que nós consideramos estar a verdade? E de onde é que consideramos que a verdade nos é fornecida? O que consideramos como verdade é revelado

- a. pelas percepções sensoriais;
- b. pelas nossas experiências;
- c. pelos nossos pais e educadores/professores;
- d. pelos cientistas;
- e. pelas religiões.

a. O homem tem um pensamento extremamente fixado nas percepções sensoriais. “O que eu vejo é verdade”. “Vi com os meus próprios olhos”, é o que dizemos muitas vezes quando queremos enfatizar a verdade de uma afirmação. Contudo, cada um de nós já testemunhou muitas vezes situações nas quais foram dadas descrições contraditórias de um e o mesmo evento.

b. As nossas próprias experiências reflectem uma minúscula fracção de possibilidades. Uma pessoa tem duas más experiências com a verdade. Para ele, a verdade é que é melhor não confiar nas pessoas. O outro confia e tem a experiência de que os outros também confiam nele. Qual é a verdade?

c. Aquilo que os pais ou educadores ou mesmo a nossa comunidade (aldeia, cidade, nação) declarou como “verdade”, numa certa altura mudou também frequentemente ao longo do tempo e foi substituída ao longo do tempo por novas “verdades”.

d. Os cientistas explicaram muitos fenómenos e as hipóteses são usualmente formuladas quando não se podem provar fenómenos. Mais uma vez sabemos que quantas vezes estas são abandonadas por se terem feito novas descobertas.

e. As religiões confiam muitas vezes na fé e na esperança. “Basta apenas acreditar nisto.” Ainda que seja ou não compreensível.

Estas visões da “verdade” ou “realidade” têm todas uma dúvida dentro delas porque não são estáveis. O que é válido hoje é descartado amanhã. Estas verdades não são compreensíveis para a nossa mente e o nosso coração ou então contradizem-se. Ou então há fenómenos que nós não conseguimos (ainda) explicar e aos quais chamamos “mistérios”. Aqui nós gostamos de mudar para conjecturar.

Muitas verdades não são portanto fiáveis. Chamamos-lhes, portanto, verdades relativas ou verdades imperfeitas. Mas por que é que nós apenas reconhecemos esta verdade imperfeita? Nós, humanos, vivemos na dualidade, isto é, todas as percepções que fazemos existem sempre em dois polos opostos: luz e sombra; alto e baixo; molhado e seco; áspero e macio. Mas também bom e mau, cuidadoso e negligente, egoísta e não egoísta, etc.

Podemos descrever o mundo à nossa volta com esta dualidade: O vizinho A fez-me um aceno amigável e o vizinho B franziu a cara quando eu saí de casa. Então nós julgamos: o vizinho A é simpático e o vizinho B é desagradável. Num certo sentido, esta dualidade também ajuda os humanos a sobreviver. O tigre dente de sabre é perigoso, assim é melhor fugir; o mamute é grande mas lento: podíamos caçá-lo.

E agora chega o grande MAS; mas a dualidade não é a Verdade absoluta. Porque aquilo de que nós nos *apercebemos* não é necessariamente o que *É*. Ora, será que nós nos apercebemos fisicamente do movimento da terra? Não ficamos doentes com a velocidade a que nós rodamos? Trata-se afinal de contas de cerca de 1.000 kph (no equador cerca de 1.670 kph). E não esquecer que a terra orbita à volta do sol a uma velocidade de cerca de 107.000 kph. Apercebemo-nos disto? Não. Apesar de tudo, nós rodamos à volta do nosso próprio eixo e à roda do sol com esta enorme velocidade. Esta é a verdade!

Verdade absoluta

Quando falamos acerca da verdade absoluta, queremos dizer a verdade acerca das leis universais da vida. Estas leis são universais porque se aplicam a tudo e a todos hoje, e aplicaram-se no passado e aplicar-se-ão no futuro. Podemos também falar de Verdade perfeita. O que são as leis da vida? Elas respondem a questões tais como:

- De onde é que vimos e para onde vamos?
- Qual é a posição do homem no Universo?
- Por que é que acontece o que acontece?
- Qual o significado da vida?
- Qual a minha missão na terra?

As leis da vida são consistentes em si próprias e aplicam-se a tudo o que *É*. Não podemos descartar-nos delas. Também nem por novas descobertas dos cientistas. As respostas às questões acima devem satisfazer as nossas três antenas interiores: a nossa mente (o intelecto), o nosso coração e a nossa intuição. Se todas estas três aceitam as leis, então já estamos um pouco mais perto da verdade.

Assim, temos duas “margens”. Uma onde estamos agora,

outra que podemos vislumbrar com o nosso coração e com os nosso olhar interior.

A verdade que a Teosofia proclame

A Teosofia – a sabedoria divina – tenta trazer-nos um pouco mais perto da Verdade universal. Ela explica a vida, as leis universais, as inter-relações, o caminho e o objectivo. Os ensinamentos da Teosofia são dirigidos, por um lado, para as leis, a estrutura e o funcionamento da natureza. Por outro lado, para a formação do nosso carácter, do nosso comportamento humano. Vamos olhar primeiramente para a parte mais técnica, então para a atitude da mente que nós desenvolvemos dentro de nós.

As três Proposições fundamentais

Nestas três proposições, hipóteses ou doutrinas, a Teosofia descreve a fundação do nosso ser:

1. Ilimitação:

Tudo o que está manifestado tem uma origem. A origem é omnipresente, imutável e ilimitada no espaço e no tempo.

2. Ciclicidade:

Nesta Ilimitação os universos aparecem e desaparecem ciclicamente. Por “universos” quer dizer-se não apenas o nosso universo, mas também os átomos, os seres humanos e tudo o que está em cima, no meio e em baixo. O movimento cíclico é a lei fundamental ao qual está sujeito tudo o que é manifestado.

3. Como é em cima, assim é em baixo / a Vida Una:

Porque tudo o que aparece e desaparece ciclicamente está radicado no Ilimitado, tudo é Um na sua essência. Isto quer dizer que toda a vida é na essência UMA. Não pode existir nada fora do Ilimitado. Falamos acerca da *igualdade* fundamental de toda a vida. A vida manifesta-se simplesmente em diferentes formas e estádios de desenvolvimento da consciência.

O que é que queremos exprimir por consciência? Espírito, força, energia que pode perceber, tem uma vontade por si própria. (contudo pode ser fraca ou forte) e interagir com o seu meio ambiente. Todas estas diferentes classes de consciência, estrelas, sois, seres humanos, animais, átomos, expressam uma pequena parte do Ilimitado.

As sete leis universais (sete Joias)

Estas três leis fundamentais podem ser traduzidas nas

sete leis do conhecimento e sabedoria. Estas sete Joias ou chaves do Mistério, são sete diferentes facetas da Verdade absoluta, que o ser humano pode amplamente realizar da Verdade. Por isso assumimos o Ilimitado, e portanto não existe nenhum limite à realização, conhecimento e sabedoria para cada ser vivo manifestado. Nunca seremos capazes de saber a Verdade absoluta. Porque tudo é ilimitado, sem fronteiras. As nossas possibilidades de crescimento seriam limitadas se nós pudéssemos compreender e agarrar tudo no mesmo ponto. Estas sete Joias ensinam-nos acerca das leis de como se processa o cosmos. Elas descrevem hábitos da natureza e aplicam-se a tudo. Portanto, são universais. As sete Leis universais não devem ser consideradas separadamente, mas no seu todo. Quais são essas Leis?

Joia 1 – Renascimento

O ser humano é uma consciência que se reveste ciclicamente de um corpo, no qual ele recolhe experiências e aprende. A morte nada mais é do que o abandono deste corpo. A nossa consciência humana (espírito) descansa e assimila no nosso carácter lições sublimes, o bom, a nobreza, o amor, que nós pensámos e fizemos. Estas lições formam a nossa consciência. Já alguma vez pensou o que é a consciência? É a soma total das lições éticas que nós aprendemos em todas as encarnações. Com este carácter, nós renascemos e renascemos e renascemos.

Joia 2 – Karma

A natureza reage a cada um dos nossos esforços de poder (pensamentos, palavras, acções) com uma contra energia de equilíbrio correspondente.

Joia 3 – Hierarquias

Todo o universo está hierarquicamente estruturado. Todos os níveis, isto é, classes de consciência, estão interconectados, de modo que tudo tem um efeito em tudo.

Joia 4 – Tornando-se-em-si-mesmo (Swabhāva)

Por meio dos nossos pensamentos, que levam as nossas palavras e acções, formamos hábitos e estes formam o nosso carácter. Porque o nosso livre arbítrio determina a forma como dirigimos os nossos pensamentos, nós próprios somos os construtores do nosso carácter. Um segundo significado de Swabhāva é o que segue: dado que o homem é parte de um ser vivo muito mais exaltado e desenvolvido, ele tem a possibilidade de alcançar o nível de desenvolvimento deste ser vivo. Ele torna-se naquilo que já é, por assim dizer, só que a sua capacidade de realização não está ainda activada.

Joia 5 – Evolução progressiva

Só há desenvolvimento para diante. Aquilo que desenvolvemos uma vez conservamos. Por consequência, nenhum ser humano renasce como uma minhoca ou formiga.

Joia 6 – Dois Caminhos

As Joias atrás mencionadas e a nossa capacidade para governar os nossos pensamentos leva-nos a dois Caminhos diferentes de desenvolvimento:

1. Obtenção de conhecimento e sabedoria só para nós próprios.
2. Obtenção de conhecimento e sabedoria em ordem a ajudar e servir todos os outros seres vivos, de modo a que eles possam desenvolver-se também.

O segundo Caminho é o de Gautama Buddha, o qual é seguido pela Sociedade Teosófica de Point Loma.

Joia 7 – Conhecimento do Ser (Ātma-Vidya)

Factualmente, somos o Ilimitado. Só há UMA VIDA, da qual todos nós somos parte, expressões de diferentes espécies e estados de desenvolvimento. Quem quer que trilhe a Via do verdadeiro chela (discípulo), em ordem a chegar perto da Verdade, do Conhecimento, encontrará o seu EU superior e tornar-se-á finalmente Uno com ele. Ele não se verá mais separado de tudo, mas mergulha no universal “NÓS”. Isto só é possível se o ser humano escolhe a Caminho 2, porque a Caminho 1 leva a um pico mais baixo solitário, que nos separa dos seres humanos nossos companheiros.

O que é que estas Joias significam para nós?

- Nós somos imortais, imperecíveis, porque nós somos o Ilimitado.
- Não nos podemos perder porque estamos conectados com uma hierarquia de seres vivos, de consciência ilimitada.
- Temos um potencial infinito de desenvolvimento dentro de nós.
- Toda a Vida é essencialmente Una (como em cima, assim em baixo).
- Com o nosso livre-arbítrio e a nossa consciência, podemos decidir trabalhar com a Natureza, quer dizer, com tudo o que vive. Isto é a compaixão *vivida*.

Isto corresponde a uma forte e convincente Visão da Vida, mencionada no início. Através da interiorização destas leis compreendemos o plano do significado da Vida: o desenvolvimento de todas as potencialidades que jazem dentro de nós para benefício de todos. As sete Joias descrevem uma filosofia da vida que nos dá o apoio em tempos difíceis, que nos dá o apoio em decisões difíceis. Elas dão-nos *confiança*. Acrescentemos estas leis universais para a nossa margem da Verdade perfeita, ver o esquema abaixo.

O homem setenário – os sete princípios do pensamento

Como foi explicado várias vezes nas nossas conferências, o homem é um ser setenário. De facto, é uma consciência pensante. Ele pode desenvolver esta consciência pensante

Uma margem e a outra margem

Relativo / Verdade imperfeita
Dualidade

Esperança

Percepção sensual

A nossa maneira de pensar

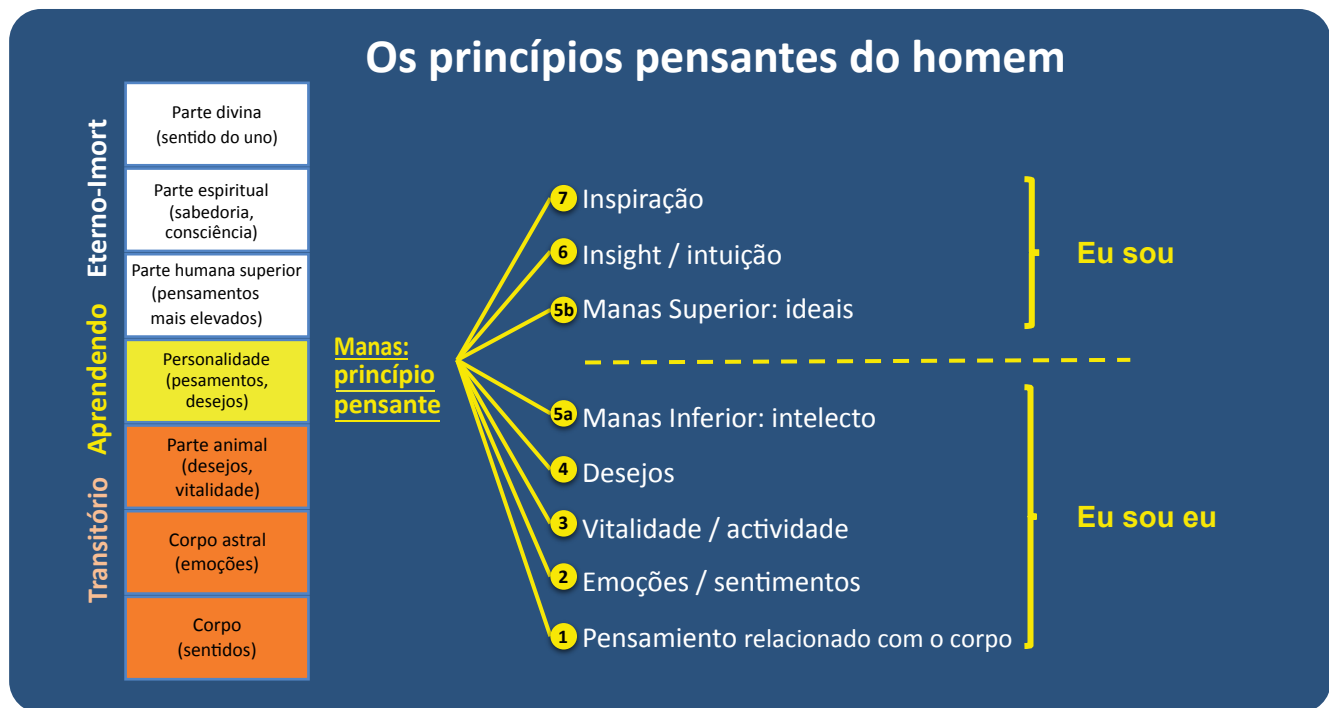
Verdade absoluta

Confiança

Leis universais da Vida

3 Proposições fundamentais
descritas em pormenor nas

7 Leis universales
(Joias da) Sabedoria



num corpo humano, o qual é providenciado por muitos pequenos seres vivos, cooperando uns com os outros e formando o complexo corpo humano. A nossa consciência pensante, o actual ser humano, é, por sua vez, parte de um ser mais desenvolvido, etc. (Hierarquias!) Há vida dentro de vida e tudo se desenvolve como tem de se desenvolver de acordo com a sua consciência. Com o ser humano isto é o princípio pensante.

O próprio princípio do pensamento, como todos os princípios, é setenário. No diagrama acima os princípios marcados a amarelo representam a consciência pensante, a parte que aprende; os três princípios a vermelho representam o nosso corpo; os três a branco representam o nosso “Ser Superior”. Todos estes seres vivos cooperam uns com os outros.

A nossa onda de vida humana está no processo de desenvolvimento dos princípios de pensamento mostrados no lado direito e está correntemente no nível quatro, desejos. Numa expressão negativa também podemos falar de ânsia ou paixões egoístas. Isto encaixa exactamente com os egoísmos mencionados no início.

Só quando tivermos desenvolvido todos os aspectos do pensamento ao longo das idades é que nos tornamos homens perfeitos: um Bodhisattva. E então continuaremos com o desenvolvimento da nossa parte supra-humana (no quadro atrás o primeiro princípio branco acima do amarelo). Para os alunos mais adiantados: este é o Manas superior em combinação com o Buddhi inferior: a mais elevada alma

humana: Bhûtâtman Se tivermos desenvolvido tudo e não houver mais desenvolvimento nesta etapa, tornámo-nos um Buddha.

Desenvolver significa atingir a perfeição, até atingir o mestre perfeito. Um pequeno autoteste: temos controlo sobre as nossas emoções em qualquer situação? Nunca está zangado, ferido, com medo, triste? Se honestamente dizemos “Não”, compreenderemos que ainda há muito para ser aperfeiçoado. Mas como é que isto pode ser feito?

As sete Pāramitās (mentalidade espiritual)

Buddha disse uma vez que a ignorância gera o sofrimento. Aqueles que pretendem ultrapassar o sofrimento devem aproximar-se da verdade e ganhar conhecimento e sabedoria. Um caminho é estudar as sete Joias – leis universais ou fontes do conhecimento. Os conhecimentos antigos dão-nos mesmo mais ferramentas: deram-nas sete Pāramitās, virtudes transcendentais e elevadas, qualidades de carácter que nós podemos cultivar e praticar, e pelas quais podemos ficar mais perto da verdade e da sabedoria.

A palavra Pāramitā provem do Sânscrito: *parām* significa “além” ou “para além de” ou “outra margem” e *ita* quer dizer “ir” ou “ido”. Assim, Pāramitā quer dizer “ter ido para a outra margem” ou “alcançado a perfeição”.

Em que margem é que nós estamos agora? E o que é a outra margem? Nós estamos na margem materialista. O nosso pensamento está fortemente influenciado pelas nossas percepções sensoriais e pelo nosso pensamento

Pāramitās		Joyas
1. Dāna	Generosidade, doação, caridade e amor imortal	Reencarnação
2. Śīla	Harmonia na palavra e na acção	Karma
3. Kshānti	Doce paciência que nada pode perturbar	Hierarquias
4. Virāga	Equanimidade na alegria e na tristeza	Tornando-se-em-si-mesmo (Swabhāva)
5. Vīrya	Energia destemida (autodisciplina)	Evolução progressiva
6. Dhyāna	Concentração inquebrável; meditação	Dois Caminhos (Pratyeka-Yāna – Amrita-Yāna)
7. Prajñā	Sabedoria intuitiva; um homen torna-se-se um deus	Ātma-Vidya (Conhecimento do Ser)

antropomórfico. Formulamos juízos muito rapidamente – preferentemente sobre os outros – e chamamos então a isto verdade.

A outra margem significa que estamos a ver a Unidade de toda a Vida e sabemos que somos uma parte dela. Aqueles que alcançaram a outra margem têm a experiência de como estamos conectados com tudo em amor imortal e fraternidade. Que visão!

A sétima Joia corresponde a esta outra margem. Quem quer que alcance isto mergulha no universal “NÓS”. Não podemos alcançar esta margem por barco ou por uma ponte. As sete Pāramitās são atitudes fundamentais da mente que, se nós as praticarmos, ajudam-nos a transformar o nosso carácter de forma a que possamos alcançar a outra margem por meio deste autodesenvolvimento.

Para todos estes seres vivos no Universo (e não há matéria morta, tudo está vivo) já possuem estas atitudes mentais fundamentais, mas a maior parte deles não funciona ainda em autoconsciência. Isto ocorre só quando os seres vivos em desenvolvimento no decurso da sua evolução se tornaram unos com as Pāramitās.⁽¹⁾

Vamos olhar para o que são estas sete mentalidades. E agora vamos revelar um segredo místico: cada uma das Pāramitās está particularmente associado a uma das Joias. Através do estudo e contemplação da Joia, uma pessoa tem a experiência de apoio ao treinar a atitude associada da mente, Pāramitā, virtude. E quando praticamos a Pāramitā, ganhamos uma perspicácia maior quanto ao significado da Joia associada.

Deste modo, com as Pāramitās, obtemos exercícios *práticos* para nos ajudar a compreender as Joias mais *teóricas*. E

quanto mais nós mergulhamos nas Joias, tanto mais fácil será para nós praticar as atitudes. À medida que praticamos, *tornamo-nos* mais e mais a própria mentalidade.

Se vivemos de acordo com as virtudes e com as leis universais, a sete Joias, podemos então espiritualizar o nosso carácter e desenvolver a nossa divindade. Ficamos um pouco mais perto da verdade, do conhecimento e da sabedoria.

Nesta primeira conferência veremos o que significa a virtude Dāna (generosidade, doação, caridade e amor imortal) e como relacioná-la com a Joia da Reencarnação.

O significado de Dāna (generosidade, doação, caridade e amor imortal)

Dāna é explicado para nós com duas expressões: a) dar e b) amor imortal, o que nos torna muito curiosos para descobrir porque é que isto é assim.

Dāna – doação

Dando qualquer coisa aos outros existe em todos os níveis dos nossos sete princípios. No *mais baixo, exotérico* ou *nível físico* posso dar algum dinheiro, um telhado para se cobrir, alimento. No *mais elevado, esotérico* ou *nível espiritual*, posso dar-me a mim próprio ao serviço do todo que *É*. Dou-me, dou o meu tempo, a minha vida para benefício do todo.

O último foi dado pelo Gautama o Buddha, quando ele regressou diante das portas do Nirvana para trazer ensinamentos às pessoas. Fez isto por compaixão: as pessoas deviam ser capazes de aprender como pôr fim ao sofrimento. Passar pelos ensinamentos divinos é muitas vezes referido na nossa literatura teosófica como: *Então a água flui e fica clara. Se se conserva o conhecimento para nós próprios, a água fica apri-sionada e transformamo-la num caldo obsoleto e amodorrado.*

Em aditamento a estas duas formas de dar, pode também distinguir-se entre o dar puro e impuro. *O dar impuro* significa que o doador espera uma recompensa com a dádiva, uma espécie de “restituição”, uma espécie de elogio, homenagem ou agradecimento. A doação impura inclui também tudo o que é dado por coacção, vergonha, sentimento de culpa, medo, manipulação, domínio, inveja, ódio, arrogância (querendo elevar-se acima dos outros), etc. *O dar impuro* pode referir-se apenas a um grupo selecto de pessoas, por exemplo, família, amigos ou instituições que são afins de nós e que nos agradam.

O dar puro está livre de qualquer expectativa de recompensa e sem olhar à simpatia ou antipatia para com o receptor.

O nobre Nāgārjuna⁽²⁾, um professor budista do séc. II e.c., que re proclamou os ensinamentos de Buddha, explicou⁽³⁾ que o dar destrói o sofrimento e traz alegria e bem aventurança. Que atrai outras pessoas boas e que é uma fonte de paz e segurança. Ele diz que aquele que é avarento não compreende que a existência física (*esta* encarnação) é apenas temporária, é uma ilusão. Que dessa incompreensão ele acumula todos os tipos de posses, protegendo-as e valorizando-as. A nossa forma física, contudo, está no mesmo nível da sujidade e da madeira. A fortuna e as posses do homem, tal como o seu corpo, estão sujeitos à dissolução quando ele morre.

Um ser humano sábio, por outro lado, sabe que o seu corpo é uma ilusão (está constantemente a mudar, dissolvendo-se, a ser reconstituído); que a fortuna nunca é certa; que uma infinidade imensa de coisas não duram e que só se pode confiar no mérito de cada um.

Dar gera alegria e por causa da alegria desenvolvemos um sentido de unidade na nossa mente⁽⁴⁾, que se reflete no nascimento e na morte e em mudança constante (impermanência). Porque uma pessoa se revê no nascimento, na morte e na mudança, ela torna-se capaz de reconhecer o Caminho. Isto é o que significa dar.

Dāna – amor imortal

Vamos voltar ao amor imortal. Nas três Proposições Fundamentais anteriormente mencionadas, aprendemos acerca da Ilimitabilidade, que é fonte de toda a vida e do Ser. O Amor Imortal é o coração da nossa natureza, a característica de todo o Ser.

Dado que todos os seres vivos, tudo o que é, são da mesma essência, originários da mesma essência ilimitada, o amor imortal deve estar localizado nas esferas imortais e, portanto, deve ser incondicional.

O nosso amor pessoal, amor pelas crianças, companheiros,

parentes, amigos, animais, plantas, natureza física, passatempos, condições e coisas, é condicional, isto é, ligado a algo (crianças, parentes, animais, etc.). Sofremos quando os perdemos. Sofremos quando temos medo de os perder. Sofremos quando ainda não os encontramos.

O amor imortal é incondicional, é amor puro. Não está amarrado a nenhum ser vivo, objecto, estátua. Ele é sempre. É a verdade e a sabedoria. Não pode ser perdido. Ele é sempre. Ele é milhares de vezes mais forte do que o mais forte amor que nós podemos imaginar. Nós somos ele no mais íntimo do nosso coração.

Nós somos amor imortal. Não temos de o avançar, não temos de ganhá-lo. Podemos aprender a reconhecê-lo. O amor imortal só pode ser compreendido porque temos uma parte imortal, o nosso Ego reencarnante, a nossa consciência humana. Temos muitas vezes explicado nas nossas conferências que o Ego reencarnante imortal, a nossa consciência humana, envolve-se num corpo físico para ganhar experiência nele como um ser humano. Se a consciência humana se retira outra vez para as esferas elevadas, então o corpo desintegra-se nos seus componentes. Mas o Ego reencarnante fica. Nós ficamos. Nós somos imortais!

Dāna – dar e amor imortal

Quando damos aos outros – sem esperar nada – fazemos isso por amor eterno. Reconhecemos que não somos separados. Reconhecemo-nos em tudo o que existe. Por favor note que isto não significa encharcar sem sentido qualquer pessoa com presentes. Não estamos só a falar de ajuda material, mas sobretudo no sentido de dar fora da caridade, servindo sem esperar recompensa. Não nos veremos mais separados, vemos antes a unidade.

Ora, trata-se do caso de ainda termos desenvolvido ainda relativamente pouco os aspectos mais elevados do pensamento. Muitos de nós estamos ainda um pouco longe da intuição, da compreensão da interconectividade, e da inspiração, da absorção na unidade.

Mas o que é que nos impede de começar a dar? Mesmo quando nós não conseguimos ainda dar de uma forma pura, isto é, sem esperar nada em troca, sem motivos ulteriores, então devemos ainda esforçar-nos a dar, da melhor maneira que pudermos. Para conter a mesquinhez. Para ser generoso. Para não nos colocarmos em primeiro plano. Para ajudar os outros sempre que pudermos. Até ao nível em que possamos fazer. H.P. Blavatsky dá-nos o seguinte conselho:⁽⁵⁾

Viver para beneficiar a humanidade é o primeiro passo.

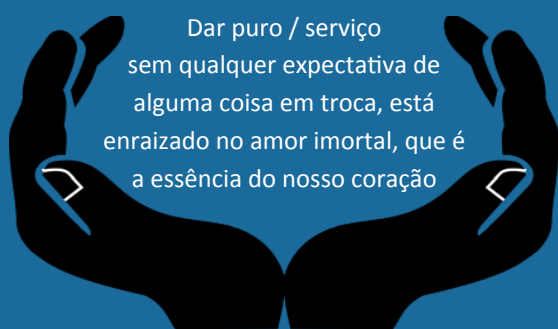
Praticar as seis gloriosas virtudes é o segundo.⁽⁶⁾

Primeira Pāramitā Dāna (dar e amor imortal)

= Verdade Absoluta

a essência do Ilimitado

Nós somos amor imortal



Dāna e Renascimento

Esperamos ter mostrado bem com a explicação anterior por que é que *Dāna* está relacionado com renascimento. A consciência imortal “nada” no amor imortal, é amor imortal. E envolve-se ela própria num corpo humano de tempos a tempos, aquilo a que chamamos renascimento. Poderia o amor imortal desaparecer, então? Naturalmente que não. Não pode desaparecer, é imortal. Então por que é que nós reconhecemos tão pouco deste amor imortal nas nossas vidas diárias? Isso é devido à nossa maneira de pensar que desenvolvemos até agora: deixámo-nos nós ser dominados pelas nossas impressões sensoriais no corpo. A nossa maneira de pensar move-se nos mais baixos aspectos do pensamento, e estes são mais materiais do que espirituais.

Primeiramente, consideramos tudo o que percebemos como realidade. Então, damos a isso um juízo de valor: “bom” ou “mau”. E então já caímos na armadilha, porque este juízo leva-nos a cair no seguinte: Quero o bom e não quero o mau.

Bastante frequentemente os nossos sentidos nos enganam e são pintados pela nossa própria experiência e muitas vezes por conclusões erradas. Justamente porque muitas vezes não conhecemos “toda a verdade”. As nossas impressões sensoriais têm um forte efeito na nossa maneira de pensar e os nossos hábitos de pensamento levam-nos muitas vezes aqui para baixo para estes “mais baixos níveis de pensamento”. Consideramos o lado errado, a margem errada, das

coisas como a absoluta Verdade. Mas isso é ilusório porque é mutável, transitório. Se nos quisermos aproximar deste amor imortal, então temos de ir em silêncio estudar as Joias, praticar as Pāramitās. Temos de começar a dirigir o nosso pensar para o mais elevado e altruísta aspecto do pensamento: intuição e inspiração. Temos que fazer destes os nossos novos hábitos e ignorar os pensamentos barulhentos dos aspectos mais baixos do pensar, esquecendo-os.

Conclusões

Deste modo, o que é que muda quando estudamos as Joias do Renascimento e praticamos Dāna?

- Vemo-nos a nós próprios em todos os outros e paramos de julgar e condenar os outros.
- Já não temos mais medo de morrer porque sabemos que somos imortais.
- Obtemos uma nova visão da vida.
- Começamos a mudar o nosso comportamento e com ele os nossos hábitos.
- Portanto, mudamos o carácter e moldamos o nosso futuro.
- Aproximamo-nos da verdade, do conhecimento e da sabedoria.

Que mundo maravilhoso abre para nós! Assim começa a *confiança*.

Conectámos agora a primeira Joia Renascimento com a primeira virtude, a primeira Pāramitā Dāna. E esperamos que esta maravilhosa conexão possa transferir o seu esplendor para a sua mente. Esteja curioso acerca das seis conexões mágicas que queremos apresentar-vos nas duas conferências seguintes.

Referências

1. G. de Purucker, *Esoteric Teachings*. Vol.1, Fundação I.S.I.S., Haia 2015, p. 111-112.
2. Na mitologia indiana, a cor branca (arjuna) está associada à pureza, e o símbolo da cobra (nāga) ao conhecimento. Uma funcionalidade específica de Nāgārjuna, portanto, são as cobras, que se enrolam à volta da sua cabeça em representações tradicionais (fonte *Wikipédia*).
3. *Nāgārjuna nas Seis Perfeições* (capítulo 17-30), *Mahāprajñā-pāramitā Upadeśa*, Kalavinka Press, Seattle 2009.
4. “Mente é o nome dado à totalidade dos Estados de consciência compreendidos sob as denominações de Pensamento, Vontade e Sensação.” H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Edição Pensamento, Vol. I, p. 154 (Edição original inglês, p. 38).
5. H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*. Primeira edição: 1889, p. 33.
6. O número das Pāramitās é dado algumas vezes como sendo seis, outras vezes como dez ou doze.



Construindo uma estrutura forte: como ganhar *confiança*

Pensamentos-chave

- » As sete leis universais correspondem às sete atitudes mentais.
- » Com uma atitude na vida baseada na Verdade Universal, ética e na nossa própria cognição, construímos uma forte estrutura.
- » Podemos mudar a nossa mentalidade!
- » As Joias da Sabedoria são as chaves para o crescimento das nossas interiores capacidades espirituais.
- » Tudo vive para o bem de tudo o resto; vamos tomar a vida nas nossas próprias mãos e mudá-la a partir do fundo, expressando as Pāramitās cada vez mais.
- » Por meio da autocondução da nossa vida, um discernimento com sabedoria, o amor por toda a vida, e a coragem para proteger e ajudar todos os seres vivos, construímos uma estrutura forte e desenvolvemos uma *Confiança Firme*.

Na primeira conferência já tínhamos montado a estrutura na qual se podia edificar a nossa confiança. A Teosofia dá-nos a filosofia da vida e fornece-nos as ferramentas decisivas para o efeito: sete Leis universais, sete Joias da sabedoria da vida ou verdades, interconectadas e ligadas inseparavelmente. Estas sete Joias estão inseparavelmente ligadas às sete atitudes espirituais ou qualidades mentais, sete virtudes – inseparavelmente interconectadas elas também – que nós podemos praticar e desenvolver dentro de nós com perfeição cada vez maior. Nesta conferência também pôde ouvir qual a posição chave que o nosso pensamento tem aqui.

Vamos lembrar-nos do seguinte: o nosso pensamento é o nosso centro corrente de desenvolvimento. (Manas, o ser humano, o pensador) e ao mesmo tempo o nosso instrumento de desenvolvimento de todas as maravilhosas e nobres qualidades que, para cada um de nós, jazem dentro de nós. O factor decisivo é a nossa perspectiva. É pessoal, ou supra-pessoal egoísta ou altruista; será que nós andamos à deriva e mais ou menos inconscientemente ou controlamos o nosso pensamento conscientemente?

Podemos mudar a nossa mentalidade!

É imensamente importante desenvolver o nosso pensamento independente e consciente e portanto construir uma filosofia de vida baseada na Verdade universal, na ética e na perspicácia de cada um. Tal filosofia de vida constrói uma estrutura forte.

As crises que nós defrontamos na humanidade são todas causadas pela nossa mentalidade, pela orientação que damos para o nosso pensamento e sentimentos. Portanto, apenas podemos resolver estas crises de uma forma sustentável se desenvolvermos uma mentalidade diferente.

Mas isto é possível? Sim, é possível. Podemos mudar a nossa mentalidade e desenvolver uma mentalidade de confiança. Podemos fazer isto com a ajuda das sete leis universais antes mencionadas – e as sete atitudes mentais, as sete virtudes. Estas – se nós as cultivarmos, se nós nos *tornarmos* nelas – dão-nos uma visão completamente diferente da vida e da solução dos problemas da humanidade. Com esta perspectiva, podemos estender uma mão de ajuda aos seres humanos nossos companheiros, para tudo que vive e andar para a frente com confiança. O pré-requisito básico é que tenha um ponto de vista universal,

que olhemos para o todo. De contrário só encontraremos trabalho à peça, mas nunca soluções sustentáveis, e nós queremos construir uma estrutura forte com CONFIANÇA.

Vamos recapitular

Toda a vida está radicada no Ilimitado, a é de facto o Ilimitado. Uma e outra vez ela provem ciclicamente do ilimitado com a finalidade de evoluir e regressar a ele. E desde que tudo tem origem na mesma fonte, é fundamentalmente UM; com tudo mais. Estas são, brevemente sumariadas, as três principais proposições da Antiga Sabedoria. Os sete principais ensinamentos da Teosofia, as sete leis ou normas do Kosmos, também chamadas as sete Joias da Sabedoria, são baseadas nestes princípios fundamentais.

Sete leis universais

1. Na primeira Joia, **Reencarnação** ou **Renascimento**, encontramos o ciclo renascimento com a finalidade da evolução e do crescimento. Ora, o que é que ocasiona este ciclo de reencarnação? É a
2. segunda Joia, o **Karma** (causa e efeito) – o que se semeia, colhe-se. Nós estabelecemos as causas para o porquê e o como do nosso percurso cíclico através dos nossos pensamentos e acções.
3. O Universo é constituído por um infindável conjunto de hierarquias. A Joia das **Hierarquias**, portanto, diz-nos onde e em que lugar ocorre o nosso percurso cíclico. Hierarquias dentro de hierarquias permeiam o todo o Kosmos, tanto o microcosmos como o macrocosmos. E nós, seres humanos, como uma hierarquia dentro de outras hierarquias, estamos naturalmente na posição onde nós nos colocámos por causa dos nossos pensamentos, sentimentos e acções (karma), tal como através da 4ª Joia seguinte, nomeadamente
4. **Tornando-se-em-si-mesmo (Swabhāva)**. Cada ser – não interessa se é grande ou pequeno – é único, tem desenvolvido as suas próprias características em vários degraus e está no processo de o fazer cada vez mais. O facto de que nós podemos desenvolver estas características reside no mecanismo de
5. **Evolução progressiva** significa crescimento progressivo – não há que voltar para trás. Toda a vida aspira a ir em frente. Este crescimento, guiado pelo próprio homem, inevitável e repetidamente nos confronta com decisões, porque, como seres humanos, já activámos o pensamento reflexivo e a nossa consciência e intuição. E isto leva-nos a
6. **Os dois Caminhos**. Será que escolhemos focar-nos apenas no nosso próprio progresso ou queremos percorrer

o Caminho da Compaixão por todas as vidas, reconhecendo-nos como partes do todo? Através desta decisão, isto é, neste Caminho, cada vez descobrimos mais o 7. a sétima Joia, **Conhecimento do Ser** – o conhecimento do nosso interior mais profundo, a divina centelha da Chama Una, o nosso verdadeiro EU.

Assim, não podemos considerar nenhuma destas joias separada das outras. Todas elas se interligam e uma ficaria incompleta e ilógica sem as outras. A decisão sobre qual o Caminho que queremos tomar não é tomada no fim de uma longa estrada, mas é preparada hoje na nossa atitude para com a vida. Algumas pessoas, talvez você também, já tomaram esta decisão conscientemente.

Que qualidades espirituais ou virtudes são necessárias para compreender melhor o significado das leis universais ou hábitos da natureza, as Joias da Sabedoria e como e porquê podemos nós corresponder melhor a elas treinando e aplicando estas qualidades espirituais na vida diária? Claudia Bernard já nos falou sobre o segredo. O processo é duplo: através do estudo, da ponderação adequada, da observação dos hábitos da Natureza e examinando-os para descobrir a verdade dentro deles, ganharemos experiência ao aplicar a respectiva virtude, subsequentemente, através da prática das virtudes, ganharemos perspectivas mais profundas nas respectivas Joias. Elevaremos gradualmente o nosso carácter e construiremos perspectivas maiores, mais conhecimento e mais sabedoria.

E com maior conhecimento e maior sabedoria chega a *confiança*. Vamos agora considerar estas qualidades espirituais, as Pāramitās, com maior detalhe, porque elas são as nossas melhores ferramentas.

As Pāramitās

Vamos primeiramente dizer alguma coisa sobre a palavra Pāramitā. Porque o seu significado é essencial para a perspectiva que temos para a abordar. Ela vem do Sânscrito e é composta pelas palavras *param*, que quer dizer “para além de”, “fora de”, e *ita*, particípio passado da raiz “ir para”, e por isso reflecte aquelas virtudes transcendentais necessárias para alcançar “a outra margem”, uma metáfora para iluminação. É a perspectiva de uma pessoa que quer alcançar a “outra margem” como é chamado em linguagem mística. Imagine a perspectiva a partir do alto de uma montanha. Você trepa a ela com a ajuda das Pāramitās, ganhando uma perspectiva cada vez mais ampla até ter uma visão ampla a partir do cimo.

Reencarnação / Dāna

Claudia Bernard já falou na sua conferência com detalhe sobre a conexão entre a primeira Joia, Reencarnação ou Reincorporação – o ciclo da reencarnação – com a finalidade da evolução e crescimento, e a Pāramitā Dāna, amor imortal. O amor imortal está radicado no Ilimitado, e na unicidade de todos os seres. Pensemos apenas sobre duas frases na sequência disto: a frase cristã *Ama o teu próximo como a ti mesmo* (tu és ele!) e a frase sânscrita da Vedanta: *Tat tvam asi*, ou seja: tu és o Ilimitado. Porque este amor ilimitado, este amor imortal, é o fundamento de toda a vida. A possibilidade de reencarnação para continuar crescer é uma expressão deste amor imortal.

Karma / Śīla

Também nos perguntamos o que causa este retorno cíclico. O que nos faz a nós e a todas as outras vidas regressar para novas existências uma e outra vez?

É por um lado a força inerente e guiadora em todos os seres: a sede da vida, o impulso para crescer. Mas acima de tudo é causado pela segunda Joia, Karma, muitas vezes referida como lei de causa e efeito, da acção e reacção.

Aquilo que semeamos, vamos colher. Nós colocamos as causas para o porquê e o como dos nossos próprios percursos cíclicos. Porém, considerar o karma simplesmente como causa e efeito seria um ponto de vista muito estreito e podia ser mal interpretado. É mais do que isso. As regras do karma regulam toda a teia da vida. Ela liga-nos visível e invisivelmente a toda a vida através dos pensamentos, emoções e actos. Ela forma o mais intenso tecido da existência. Um tapete multidimensional com inumeráveis nós, tecidos pelas nossas próprias mãos, que se estende através do espaço e do tempo. Cada menor movimento, até mesmo do nosso coração, é registado nele e dá-lhe colorido e expressão.

Percebemos por que é que a Pāramitā Śīla, harmonia na palavra e na acção – especialmente a palavra *interior* e a acção *exterior* – está conectada com esta Joia? Para expressar a Pāramitā Śīla, para *se tornar* nela, significa começar a agir de acordo com as crenças próprias e os sentimentos mais íntimos, com as nossas melhores crenças éticas em todos os momentos. Não se trata apenas do “diz-se, faz-se” mas a aprender gradualmente a seguir a nossa mais elevada orientação dentro de nós e em aditamento à nossa consciência, deixar também a nossa consciência falar. Dentro de nós sabemos exactamente o que é justo e o que é errado, o que é compassivo, nobre, generoso e amoroso – mesmo uma criança sabe isso – e podemos agir em conformidade.

Será que fazemos sempre isto? É a conexão com a nossa consciência que nos ajuda a estabelecer esta harmonia.

O grau desta harmonia ao qual as pessoas já ascenderam é tão variado como o número de estados de desenvolvimento das qualidades inerentes das pessoas. Para trazer Śīla à perfeição deve praticar-se a simplicidade, a bondade, o auto-controle, o auto-sacrifício – este é, o comportamento correcto, um sincero e moral modo de vida – até ao ponto em que os opostos do bem e do mal desaparecem e nada mais fica a não ser o incondicional, a conduta harmoniosa. Trata-se de uma disciplina que abrange o pensamento, a emoção e a acção. E desce para as mais pequenas ramificações. Por exemplo, uma acção nobre sem esperar recompensa é harmoniosa e ajuda nos a se libertar dos laços de causa e efeito.

O que é que isto significa na prática? Bem: sejamos verdadeiros para nós próprios, para o nosso mais elevado EU! Não siga os desejos e as aspirações dos outros como uma folha ao vento, não se meta com os deveres das outras pessoas, mas pratique a sua própria maneira de pensar, fortaleça-se nisso e siga a sua consciência e intuição ao fazer os seus próprios deveres. Ajudar os outros a agir assim, para eles serem melhores. Porque o primeiro passo no Caminho é sempre a decisão da compaixão – lembre-se, na Pāramitā Dāna começámos a desenvolver o amor imortal e a compaixão. A harmonia na atitude interior e na acção exterior é a chave. Se nós praticamos Śīla neste sentido, por exemplo, se nós prometemos a nós próprios caminhar no Caminho da Compaixão, então não há mais bom ou mau karma, que é apenas a perspectiva da personalidade. Então, o Karma é mais do que acção e reacção. Cada momento das nossas vidas é outro passo no nosso caminho para mais conhecimento, para melhor ajudar os seres humanos nossos irmãos. Portanto, não há mais o meu Karma e o teu Karma, mas só a grande teia da vida na qual nós tomamos o nosso lugar da melhor forma possível para benefício de toda a vida, e nisto nós obtemos ajuda para a lei da restauração da harmonia no Universo. Nós somos o Ilimitado e somos um com tudo. Portanto, há alguma coisa no mundo que não nos toque? Se nós tomamos este pensamento como um ponto de partida, podemos ficar indiferentes quando as pessoas na terra têm fome ou sofrem de desastres naturais? Praticando Śīla também significa viver mais responsabilmente e olhar para o mundo com uma perspectiva mais ampla.

O que muda?

Será que alguma coisa muda nas nossas vidas quando

estudamos a Joia do Karma e praticamos Śīla? Com certeza:

- As nossas vidas não estão mais dominadas pela simpatia ou antipatia.
- O nosso carácter é enobrecido pelas qualidades tais como a sinceridade e a retidão.
- Os nossos pensamentos e acções tornam-se cada vez mais alinhados com o todo.
- O nosso ser interior está espelhado no exterior, deste modo quanto mais harmoniosos estamos no interior, mais isso será visto no exterior. Portanto, é a responsabilidade de cada indivíduo se ele/ela se esforça para viver num mundo harmónico.

Hierarquias / Kshānti

Vamos passar para a próxima Joia. A Joia das Hierarquias mostra-nos o princípio: tudo está contido em tudo, hierarquias vivem em hierarquias, microcosmos dentro de macrocosmos. Mostra-nos também porque é que podíamos chamar às sete joias as “sete leis (costumes) do Cosmos”, porque elas são as leis das mais elevadas hierarquias de seres vivos de que nós somos uma parte. São leis que a hierarquia desenvolveu e que influenciam os seres que são parte dessa hierarquia.

Vivemos numa época de grande inquietação e impaciência. As pessoas apressam-se de compromisso em compromisso, imaginando sempre que lhes falta alguma coisa. Mas se lhes perguntarmos o que é que lhes falta, eles não sabem. Se, em vez disso, pararmos por um momento, então seremos capazes de reconhecer a raiz das causas dos problemas de cada dia, de cada momento, e enfrentá-los com calma e com toda a paciência que é necessária para o efeito. Porque isso leva tempo. É como uma criança pequena que leva muito mais tempo a vestir-se do que um adulto, porque ele ainda está a aprender o jeito. Precisamos de aprender a ser calmos e pacientes, porque a inquietação e a impaciência só levam ao conflito. Confirmamos imediatamente isto logo que se dê um passo atrás e reflectimos.

Aprendemos então paciente e perspicazmente a suportar todos os ventos do destino, mesmo que sejam pesados. Porque através do desenvolvimento Dāna, compaixão e amor imortal, e Śīla, a harmonia na atitude interior e na acção externa, vemos a justiça em tudo. Então, não necessitamos definir um objectivo distante, porque cada momento é precioso, é já um objectivo!

É agora que Kshānti – a doce e imperturbável paciência – entra em jogo. Cada uma deve ter perseverança, paciência

com as circunstâncias externas e com o temperamento dos outros. Paciência também consigo próprio (muitas pessoas gostariam de saltar dois degraus ao mesmo tempo) e mostrar consistência – isto é, levantar-se depois de uma queda – e vencer permanentemente o medo e a dúvida, dois inimigos da paciência. O medo e a dúvida são como a cola; eles paralisam-nos, deitam-nos abaixo, e roubam-nos a força de que necessitamos para o nosso trabalho; na verdade, eles impedem-nos de expandir a nossa consciência para esferas mais elevadas da vida.

A verdadeira paciência é também verdadeiro amor, que transcende todas as barreiras e fronteiras e guiam-nos para a unidade. Não se trata apenas de suportar circunstâncias difíceis, tais como a doença, mas antes de ter *confiança*, de ter *certeza*, tal como temos a certeza de as estações se seguirem umas às outras. E do dia se seguir à noite e de a vida se seguir à morte e assim a doce paciência se estender sobre todos os níveis de ser. Portanto, é uma virtude necessária na prática da harmonia – como a atitude interior e a acção – que é o amor imortal, no qual todos os opostos estão silenciados e equilibrados. Já reparou que cada Pāramitā está igualmente contido em todas as outras? O princípio de que “tudo está contido em tudo” é válido em todos os níveis do ser.

Vemos a justiça na vida e não mais o sofrimento do karma. Assim, vê-se, Kshānti, doce paciência, não é sofrimento passivo, mas vida activa. Tomamos calmamente o nosso lugar nas hierarquias da vida, porque vemos que o Universo não é constituído por peças separadas de indivíduos, mas é um organismo vivo dentro do qual vivem pequenos seres dentro de outros maiores, numa cadeia infinita de hierarquias, cada ser vivo emergindo de outros, respirando, movendo-se, indo através dos seus ciclos, pulsando. Pensamos nos átomos do nosso corpo, os órgãos individuais, os seres humanos individuais, a humanidade como um todo. Tudo vive para tudo. Na perspectiva da unidade, Kshānti é uma estrutura essencial do nosso carácter, para lidar com todas as adversidades e desafios da vida.

O que é muda agora?

O que é que muda agora na nossa vida quando estudamos a Joia Hierarquia e praticamos Kshānti?

- Abandonamos o nosso papel de vítima.
- Somos criadores activos da nossa vida.
- Ganhamos mais e mais compreensão para com os seres humanos nossos companheiros, sim, para com toda a vida.
- Reconhecemos cada vez mais o nosso lugar e o nossa tarefa na vida.

Tornando-se-em-si-mesmo ou Swabhāva / Virāga

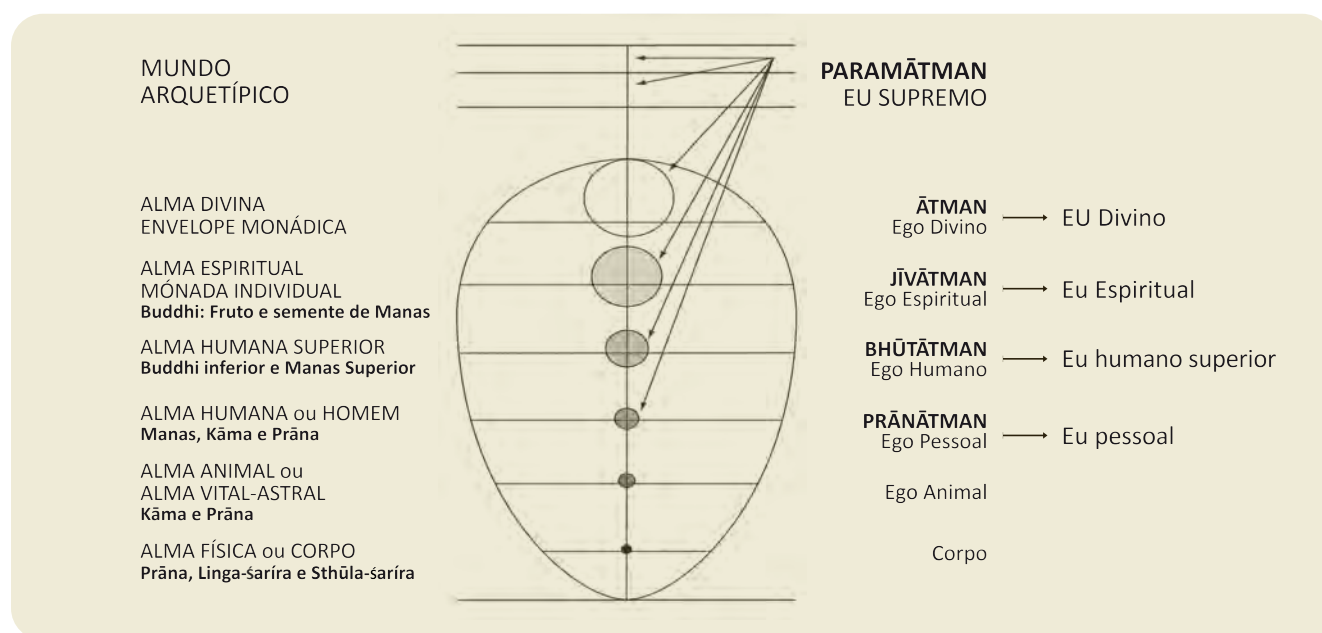
Agora podemos perceber que estas três Joias e as correspondentes Pāramitās acima descritos são necessários para expressar o hábito que encontramos na quarta Joia, nomeadamente *Tornando-se-em-si-mesmo* ou *Swabhāva*. Swabhāva é uma palavra sânscrita composta das palavras *bhū* = tornar-se (um processo activo), crescer, tornar-se algo; e o prefixo *swa* = “eu”, “auto”, (em inglês *self*) por isso: tornando-se-em-si-mesmo, no sentido de que nós estamos cada vez mais desenvolvidos e que expressamos o que actualmente somos na nossa mais elevada natureza. Vamos olhar para o esquema na esta página acerca do qual estávamos a falar quando queríamos tornarmo-nos o EU. Quando falamos da nossa mais elevada natureza não queríamos referir-nos ao nosso eu pessoal, que pertence à parte perecível da nossa constituição. Temos três EUS que estão na parte imperecível. Gradualmente, nós acordamos dentro de nós estes três EUS, na verdade, tornamo-nos neles no decurso da evolução. Assim, quando falamos de Tornando-se-em-si-mesmo, queremos falar do Eu humano superior (que está presentemente a aprender a transformar-se), o EU Espiritual, e finalmente o EU divino. Quanto tempo leva a alcançar o mais elevado, o EU Divino, pode medir, verificando com que frequência não lidar apenas com pensamentos espirituais num dia, mas com que frequência também os aplica na prática. Observe isto. No processo de se transformar na unidade, de crescimento e desenvolvimento uniforme, a Pāramitā Virāga, equanimidade na alegria e no sofrimento, assegura que nos tornámos em rocha na zona turbulenta contra a qual as ondas do

Karma que vão surgindo se partem, mas que não podem feri-la. A rocha permanece intocada pelas águas revoltosas por meio da protecção interior. Podemos familiarizar-nos com uma situação em que se argumenta furiosamente contra nós, mas no qual não tomamos partido e em vez disso tentamos manter-nos calmos acima das emoções e reconhecer a essência da disputa. Logo que a poeira tenha baixado, podemos então contribuir muito melhor para a resolução do conflito porque se reconheceu a questão-chave e descobrimos um caminho para o resolver.

Quando olhamos para o significado da palavra Virāga, percebemos que isso significa uma mente estável que não *se movimenta* com emoções. Repare, isso não significa insensibilidade, mas antes a medida exacta em todas as coisas. Perceber sem julgar, sem ficar preso ao objecto da observação. Isto significa: não vacilar entre extremos, mas pisar o meio dourado. Esta atitude pode ser melhor descrita nos pares de opostos:

- Imóvel, mas não rígido.
- Sem emoção, mas não entorpecido.
- Sem apego, mas não afastado.

Ao desdobrar esse traço de carácter, é trabalho de cada um ultrapassar o mistério destes aparentes opostos. Até os Mestres, que estão muitos degraus acima de nós, estão ainda trabalhando as Pāramitās. E isto porque, para trazer estas atitudes até à perfeição – de que estou seguro que já se pensou nisso – não se pode atingir essa finalidade numa única encarnação. Eles estão conectados de muito perto com o processo de crescimento de um ser humano, e chegaram portanto a uma relativa perfeição de acordo com o respectivo estágio de desenvolvimento.



Virãga, equanimidade na alegria e na dor, requer disposição, vitória sobre as ilusões e agarrar a verdade sozinho. Começa com a transformação das paixões e no fim da linha fica apenas a verdade. Mesmo com esta breve descrição vemos o objectivo que esta atitude abrange e quão longe ela atinge – porque o que é a verdade? Pense sobre isto outra vez. Será que cada pessoa tem a “sua” verdade, a verdade relativa?

No livro *A Voz do Silêncio*, H.P. Blavatsky chama à porta que esta chave abre “A Porta do Equilíbrio”⁽¹⁾, simbolizando a luta final entre o mais alto e o mais baixo, entre o real e o irreal. Devemos conquistar todas as tentações, as decepções do mundo material, os desejos dos sentidos, a mente rebelde, o coração instável, e tornar-se um com a realidade. – diz ela ali.

Deste modo, esta chave pressupõe o autoconhecimento e o conhecimento das quatro nobres verdades. Lembremo-nos?

- Há a nobre verdade sobre o sofrimento;
- A nobre verdade sobre a causa do sofrimento;
- A nobre verdade sobre a cessação do sofrimento;
- A nobre verdade sobre o caminho que nos guia para a cessação do sofrimento.

Quando o carácter ilusório do mundo exterior é reconhecido, a equanimidade pode ser mantida na alegria e no dor.

Conclusão

O que é que muda agora quando estudamos a Joia da Tornando-se-em-si-mesmo e praticar a mentalidade da Virãga?

- Uma vez mais, a perspectiva que nós tomámos é crucial. Uma perspectiva universal deixa-nos “acima das coisas”, equânime nas alegrias e nas tristezas, reconhecendo a raiz dos problemas e tomando portanto decisões acertadas.
- Tornámo-nos gradualmente o canal que permite a intuição para fluir do nosso Eu Espiritual para o Eu Humano superior, e portanto sermos capazes de pormos aquelas decisões em prática.
- Virãga é um estado central da mente no nosso desenvolvimento, de que nós carecemos para nos orientarmos e trabalharmos para os outros, porque se nós não controlamos as nossas paixões, não podemos ajudar os outros.

A Joia Evolução Progressiva / Vīrya

Assim, como já se descreveu, cada um e todos os seres – não importa se grandes ou pequenos – é único e tem o seu particular desenvolvimento característico em graus variáveis. Isto é explicado na quinta Joia, Evolução Progressiva: não

há que regressar atrás. Como humanos com um princípio pensante desperto, nós dirigimos este desenvolvimento de acordo com a nossa livre arbítrio. Nós decidimos a rapidez com que queremos progredir e, acima de tudo, a partir de que ponto de vista queremos guiar as nossas vidas. A partir de uma perspectiva universal, para benefício de tudo o mais ou apenas relacionado com nós próprios, o que desenha o círculo da nossa visão muito mais estreito.

Pense bem sobre a escolha que tem de fazer quando tenta viver uma vida com uma pegada ecológica sustentável. Não temos então a nossa própria mente confortável, mas esforcemo-nos para apanhar o mínimo de aviões, automóveis, tanto quanto possível. Possivelmente tem que mudar a nossa dieta para menos ou sem carne. Há exemplos de conduta exterior, mas eles requerem uma atitude interior e podem bem guiar-nos no conflito com o nosso meio ambiente ou com os seres humanos nossos companheiros. Quão mais abrangente então é a nossa decisão de percorrer o caminho da Compaixão, o Caminho que beneficia e ajuda toda a vida.

Para isso necessitamos ter uma energia sem medo e guia (Vīrya) e na *Voz do Silêncio* é dito “...que abre o caminho para a Verdade superna, fora da lama das mentiras terrestres.”⁽²⁾ Esta virtude requer mais do que mero zelo externo. Significa fortaleza, bravura, energia e entusiasmo, ao mesmo tempo que autocontrole e perseverança em conservar a mente e o coração puros, gloriosa e firmemente esforçados em mostrar humanidade no caminho da verdade. Isto não significa comportamento missionário. Significa colocar um exemplo na própria vida de cada um, defender a verdade por toda a parte, numa via direita e com discernimento. Não permitiremos mais a ser instáveis, não sabemos mais fora da perspicácia o que é que queremos fazer e permanecer firmemente confiante neste caminho. Sim, há entusiasmo e alegria ao trabalhar para um objectivo elevado. Mesmo em pequena escala, pode confirmar-se isto: as pessoas envolvidas em trabalho voluntário e dedicadas a aliviar a crise das pessoas podem confirmar isto. Não há mais nenhuma dúvida de que necessita, nenhum medo de que alguém esteja erradamente tomando a dianteira sobre a nossa ajuda. Estamos simplesmente felizes por causa do brilho dos olhos de quando distribuimos alimentos ou outras coisas essenciais com real atenção amorosa.

E o que é que muda agora?

O que é que muda quando estudamos a Joia da Evolução Progressiva e praticamos Vīrya?

- Quando praticamos Vīrya, seguimos os nossos mais

elevados ideais – as visões que construímos a partir do nosso Eu Espiritual, com a ajuda da nossa intuição – com energia e coragem a partir da mais elevada perspectiva que podemos sempre tomar.

- O medo e a dúvida já não são mais forças que nos possam deitar abaixo.
- Usamos a nossa força espiritual para ajudar a humanidade.

Duas chaves mais: Dhyāna e Prajñā

As duas Joias seguintes e as duas Pāramitās serão discutidas na nossa próxima conferência, e por isso mencioná-las-emos muito brevemente. Estas são: a) os Dois Caminhos com a Pāramitā Dhyāna e b) Conhecimento do Núcleo, com a Pāramitā Prajñā.

Mais duas ferramentas essenciais sob a forma de hábitos cósmicos e de atitude mental estão ainda disponíveis para nós. Eles conduzem-nos através de *confiança* na *certeza interior*, porque o nosso progresso autodirigido inevitável e repetidamente nos confronta com decisões essenciais. A nossa consciência já está activada. Agora também usamos a nossa intuição cada vez mais e isto leva-nos para a sexta Joia: os Dois Caminhos a Pāramitā meditação, a contemplação espiritual (Dhyāna), ajuda-nos a consolidar a nossa decisão porque não é uma “nova” decisão. Preparámo-la através de muitos pensamentos e actos, e fizemo-lo antes, mas agora temos de dar o passo final. O coração e a mente, banhados em puro conhecimento, e iluminação, estão livres das atracções do mais baixo e enganoso mundo.

Viver é dar – tudo vive para tudo o resto. O altruísmo e a compaixão são os pilares do universo. Portanto, em ordem a escolher de forma acertada O Caminho da Compaixão, uma pessoa deve praticar diariamente a meditação neste sentido.

Por meio desta escolha, ou seja neste Caminho, reconheceremos cada vez mais a sétima Joia, o Conhecimento do Ser – o conhecimento do nosso interior mais íntimo, a divina centelha da Chama Una. A bem do rigor, vamos acrescentar a já mencionada Pāramitā Verdadeira Sabedoria (Prajñā); uma sabedoria que é o resultado do Autoconhecimento; aquela inteligência e discernimento que reflectem claramente a intuição do mais Elevado Eu Divino a percepção intuitiva e a cognição directa que aí residem. *A Voz do Silêncio* diz a este respeito, “...que faz de um homem um deus, criando um Bodhisattva, filho de Dhyānis”.⁽³⁾

Pensamentos finais

Por meio do estudo das sete Joias e das Pāramitās,

compreenderemos que há na verdade infinitas possibilidades de desenvolvimento, um potencial infinito; e que o ponto central nisto é a cooperação entre todos os níveis e extensões de consciências, entre todos os seres vivos ou centros de consciência.

O cultivo da mentalidade ou atitude espiritual que daqui ocorre é um factor decisivo. Recordemos, nenhuma das Joias, nenhum dos hábitos da natureza pode ser considerado sem os outros, eles estão interconectados – um emerge de ou pertence ao outro. E o mesmo pode ser dito acerca das qualidades ou atitudes interiores, chamadas virtudes, que estão relacionadas com isto. Compreende-se mais e mais que com o estudo dos hábitos da Natureza e o cultivo das correspondentes da mente ou mentalidade e acima de tudo através de uma vida autodirigida, uma vontade espiritual forte, discernimento com sabedoria, amor por toda a vida e coragem para proteger e ajudar os seres nossos companheiros, construiremos uma estrutura firme e alcançamos a CONFIANÇA! E para além disto mesmo a *certeza* na vida. Falaremos mais sobre isto na próxima conferência.

Leituras recomendadas

H.P. Blavatsky, *A Voz del Silencio*, Fragmento III. Edição inglesa: Theosophical University Press, Pasadena 2015.

G. de Purucker, *Esoteric Teachings, Vol. 1*, Fundação I.S.I.S., Haia 2015.

G.A. Barborka, *The Divine Plan*, cap. 11, The Theosophical Publishing House, Adyar 1964.

Nāgārjuna nas Seis Perfeições, cap. 17-30 de la obra *Mahāprajñāpāramitā Upadeśa de Nāgārjuna*, Kalavinka Press, Seattle 2009.

J. Vermeulen-Piket, *The Seven Jewels of Wisdom [As sete Joias das Sabedoria]*, Conferencia para la Escuela Europea de Teosofía el 28 de agosto de 2020 (YouTube).

Referências

1. H.P. Blavatsky, *AVoz del Silêncio*, Fragmento III, Primeira edição 1889.
2. Ver ref. 1.
3. Ver ref. 1.



Quando a certeza entra

As duas conferências anteriores trouxeram à luz que a evolução do homem é principalmente uma ondulação ou activação de toda a gama do espectro de consciência a que nós chamamos pensamento. Consciência, movimento e energia representam um lado da natureza. O outro lado é matéria ou substância. Ambos os lados formam uma unidade, que todavia não é ainda reconhecida todavia por nós conscientemente desta maneira. Tal como a matéria ou substância pode ser percebida em diferentes subdivisões ou classificações, a consciência expressa-se equivalentemente em diferentes reinos da natureza no cosmos, formando ambos uma unidade. Resumindo, nós e todas as outras unidades em conjunto *somos* o cosmos. Se nós reconhecemos o significado universal deste pensamento, não será difícil para nós sermos capazes de identificar o pensamento num plano cósmico como consciência. Um plano a cujos níveis, qualidades ou características nós, como seres humanos, vamos gradualmente ter acesso segundo o nosso progresso evolucionário. Gostaria de pintar este quadro um pouco mais, enfatizando a ideia de que cada ser humano individualmente considerado e todos nós conjuntamente, à medida que a nossa consciência evolui, pertencemos a este plano. As nossas qualidades inte-

riores de pensamento, que nós evidentemente ainda não desenvolvemos plenamente, podem ser vistas como reflexo deste plano cósmico de consciência. Quer isto dizer, ao contrário, que quanto mais formos capazes de activar todo o espectro do pensamento, tanto mais seremos capazes de reconhecer a essência, a característica do Ser cósmico e aceitar e expressá-lo nós próprios. Isto é a estrutura, quando estamos a falar do homem como um filho do cosmos. Tudo isto não aponta para outra coisa senão para se tornar um activo e estruturante factor na vida cósmica do futuro, como os Bodhisattvas e Buddhas já são hoje. Sim, esse é o nosso potencial e sim, esse é o nosso trabalho como seres humanos, uma vez que somos parte do cosmos.

O significado da vida (*Nós somos o cosmos*)

Aqui reside o significado do desenvolvimento para nós, humanos, apoiar o cosmos por meio da aplicação das nossas inerentes potencialidades, que estão todas elas radicadas no cosmos. Isto refere-se, naturalmente, primeiro que tudo, àquela parte do cosmos que é a nossa casa, o nosso planeta terra. E quanto mais se pensa nisso em profundidade, mais confirmaremos que nós, humanos, podemos muito bem ser capazes disso. Quer olhando para

Pensamentos-chave

- » O homem, o pensador, reflecte o cosmos.
- » As características do cosmos como base para o autodesenvolvimento e a evolução espiritual.
- » O homem pode tornar-se uma parte activa do cosmos.

a protecção do clima, do meio ambiente, ou dos animais, para a defesa dos direitos humanos, dos movimentos de paz, etc. E isto porque é uma ilusão o ser humano individual nascer para andar neste planeta a jogar o seu interesse individual, possivelmente mesmo à custa dos outros. Para reconhecer isto, contudo, a já mencionada troca de perspectiva tem de ser feita e tem de haver a perspectiva segundo a qual temos de desalojar o nosso mundo de pensamentos e de cognição do ambiente geral dominante, que é muitas vezes ego-centrado e materialista.

No decurso deste simpósio, ouvimos também falar acerca das Joias da Sabedoria, as quais nos falam sobre a estrutura básica e processos no cosmos. Para além disso, ouvimos falar acerca dos assim chamadas Pāramitās, que são os factores essenciais do carácter do nosso cosmos. Se estes dois pilares fundamentais do nosso universo também se tornam a estrutura do nosso realinhamento, se lhes dermos lugar nas nossas vidas e conscientemente guiarmos o nosso próprio desenvolvimento à luz deles, então alinhamos a nossa pequena vida, o nosso pequeno microcosmos com o grande macrocosmos. Veremos como pouco a pouco o nosso potencial interior crescerá e que se tornará evidente por meio de uma maior perspicácia no interior dos processos da natureza. Descobriremos conexões e estruturas na natureza, no cosmos, de que não estávamos antes conscientes. Por seu turno, estes processos geram em nós a experiência de estar conectados com o mundo à nossa volta, uma vez que podemos agora identificar-nos com o âmago das coisas que aparecem no exterior, o mundo físico.

Porquê, perguntaremos? Bom, porque nós criámos então as condições por meio das nossas novas orientações interiores de pensar e compreender. Estas condições têm a mesma base universal e são reflexos daquilo que nós reconhecemos no exterior. E isto não se relaciona com o nosso mundo autocrado e construído a partir das convenções da nossa prévia polarização e visão curta. É o cosmos ilimitado com o qual nós nos identificamos, que nós em última análise somos. Somos uma parte dele, pelo menos. Esta identificação, derivada da compreensão, cria confiança e certeza. Não podemos caminhar erradamente se seguirmos o pulsar do coração do cosmos. Aqui reside o segredo do crescimento a partir do transitório para o imperecível.

À luz desta realização, o desejo de tomar responsabilidades desperta dentro de nós. Reconhecemos que muitos dos nossos companheiros seres humanos sofrem pela falta da realização já mencionada. Sofrimento ocasionado por uma visão errada e relacionada com acções erradas contrárias às leis cósmicas, contrárias à ideia de que nós, humanos, for-

mamos uma unidade, e contrárias ao nosso potencial interior em ordem a conseguir uma influência ordenada, suportável e inspiradora influência sobre a vida terrena. A base desta responsabilidade é a intensa realização da conexão com tudo o que existe e a compaixão que brilha com ela quando defrontamos as tribulações da luta na qual os seres deste mundo se acham todos os dias. Torna-se então nosso firme desejo enfraquecer esta tribulação, esta luta e aliviar o sofrimento do mundo.

Tornando-se mais consciente (Dhyāna, meditação espiritual)

À medida que nós nos movemos para além dos velhos caminhos do ser com as nossas coloridas perspectivas, mais e mais consciência espiritual se vai estabelecendo nas nossas vidas. A consciência da qualidade dos nossos pensamentos, a consciência das nossas acções e a consciência dos nossos costumes, à medida que nos tornamos cada vez mais donos do nosso destino. Já não somos mais como a folha e o vento, que se arrasta para trás e para diante por força das tempestades sensuais e emocionais do mundo. Evidentemente, nós cairemos também aqui e ali, porque nenhum homem se tornou um mestre da noite para o dia. Todavia, o alinhamento do nosso pensamento obriga-nos a alcançar mais e mais para subir passo a passo no nosso caminho. Passo a passo elevaremos a nossa consciência cada vez mais desde o físico, o emocional, e o pensamento do manas inferior em ordem a alcançar níveis suprapessoais de pensamento. Realizaremos isso apenas se formos capazes de olhar além dos véus da existência terrestre.

Na sociedade de hoje, a meditação não é mais uma palavra estranha, e cada vez mais pessoas se estão a aperceber da sua influência positiva ao praticá-la. Na verdade, ela proporciona esforços para prevenir a influência obscura de modelos prévios de pensamento. Mas o que é exactamente a meditação e o que é que ela proporciona? Nas antigas filosofias da Ásia há um termo Dhyāna. Tem origem no Sânscrito e significa algo como “meditação espiritual”. Diz-se que quando praticamos Dhyāna na perfeição o coração e a mente batem em puro conhecimento e tornam-se iluminados porque então eles estão libertos da atracção dos fenómenos, do mundo baixo e portanto do mundo ilusório.

Isto ocorre porque a meditação é, antes de mais, um estado positivo da mente. Mais especificamente, a meditação é muito mais um estado de consciência do que um sistema ou período de intensa actividade do cérebro-mente. Para o praticante, a meditação quer dizer que ele devia ser calmo e pacífico, que a sua reflexão devia ser tranquila e sem perturbação. É importante não ter nenhuma

perturbação à volta de nós, particularmente evitando as influências perturbadoras do seu próprio e sempre activo cérebro-mente. Deve ser calmo e sossegado. Isto é particularmente para a meditação da noite, quando o cérebro-mente está então agitado pelas impressões do dia. Um factor igualmente importante é que a pessoa devia ser o mais impessoal possível, o que não é fácil e necessita ser treinado. A contemplação deve estar livre de alguns elementos de pensamento, tais como o ódio, a zanga, a ira, o medo, a inveja, a vingança e impulsos semelhantes, todos eles tendo origem no mais baixo eu, virado em direcção ao que é terreno. Só quando a contemplação tem lugar na tranquilidade pacífica pode a alma ser elevada, podemos nós experienciar os benefícios do nosso próprio mais elevado potencial de compreensão. (Inspirado por G. de Purucker, *Esoteric Teachings*, vol. 2, cap. “Meditação”).

Dhyāna está dividido em quatro fases, que estão iniciadas no curso de progresso individual.

- No princípio, dirige-se a própria mente, livre de estímulos dos sentidos e das influências terrestres, para um tema espiritual ou tão elevado quanto possível em ordem a reflectir atentamente nele, isto é, num das Pāramitās, por exemplo. Concentrando-nos numa forma exterior, mesmo que seja a de Buddha, isso não ajuda, porque estamos ainda a virar a atenção para o lado exterior da natureza, o que nos aprisiona ali.
- A pura contemplação é o próximo passo. Parando a análise mental, estabelece-se um estado do restante, no qual o observador se concentra num simples ponto e lhe permite conseguir um efeito. Isto pode ser, por exemplo, a compaixão de Buddha ou a ilimitação de um espaço cósmico. A justaposição do pró e do contra, do bom e do mau, chega ao fim através de uma qualidade espiritual mais elevada do sujeito. Alegria e sensação de bem-estar são então experimentados visto que se está em equilíbrio, não tendo para mover-se em qualquer lugar.
- A equanimidade toma eventualmente o lugar da alegria; a consciência está acordada e o bem estar persiste. Desde que a paragem da análise mental é absorvida pelo processo de transformação, leva tempo para que o praticante compreenda que até a alegria é ainda um resultado da polarização. Quando esta ilusão é vencida, a equanimidade ocorre e com ela vem a paz.
- No final, só o despertar interior, a pureza espiritual e a inefável equanimidade dominam. A consciência individual toma um carácter universal. A gota de orvalho flui no Oceano da Luz. A consciência que atingiu este estádio ascendeu ao Imperecível.

Como já foi indicado, este caminho interior deve ir lado a lado com o reconhecimento da unidade, a certeza de que a nossa existência terrestre é sofrimento, transitoriedade e, portanto, ilusão. O praticante deve pensar que alguma conexão com isso, tal como desejo sensual ou emocional com isso, é um obstáculo à libertação. E, mesmo o nosso pensamento analítico deve ser visto apenas como uma ferramenta. Não deve haver mais dependência. Pouco a pouco, devíamos tomar o hábito de encarar os problemas da vida diária a partir do mais elevado nível possível. Em termos concretos, isto significa olhar para as coisas e circunstâncias à nossa volta com os olhos da percepção do mais elevado Ser dentro de nós, o Ser Divino, e usar a nossa intuição tal como a nossa consciência. Todas as nossas percepções sensoriais, emoções, tais como os nossos pensamentos terrenos devem ser observados à luz destas influências. Estas podem ser coisas muito mundanas, tais como disputas de trabalho, ou com um vizinho acerca de acordos que não foram bem cumpridos, por exemplo. Ninguém disse nunca que esse trabalho é fácil, mas não há outro caminho para um ser humano se elevar para o presente status. O resultado final naturalmente é maravilhoso, porque ele nos transporta do transitório para o imperecível.

Não estamos sós no caminho (Amrita-Yāna e a Hierarquia da Compaixão)

Nas nossas conferências ouvimos muitas vezes falar sobre seres que são chamados Dhyān-Chohans na Antiga Sabedoria. Esta designação tem origem no Sanscrito-Tibetano e quer dizer “Senhores da Meditação”. Não aponta para outra coisa a não ser para o facto de que há seres que chegaram para além do corrente nível de desenvolvimento de nós, humanos, por meio do desenvolvimento de toda a potencialidade que reside na capacidade de pensar. Num ápice eles cultivaram aqueles estados de consciência nos quais nós entrámos gradualmente quando praticamos Dhyāna. Por favor, lembremo-nos do que foi dito no início desta conferência, de que nós e todos os outros seres formamos o cosmos. Nós somos o cosmos. Se reconhecemos o significado universal deste pensamento, não será difícil para nós ser capaz de identificar o pensamento como um plano cósmico de consciência, a cujos níveis, qualidades e características nós, seres humanos, temos gradualmente acesso activo de acordo com o nosso progresso evolucionário. Crescemos nele, por assim dizer. Os Dhyān-Chohans vivem activa e conscientemente nestes reinos, eles activam-nos com vida e num certo sentido eles são esses reinos. Portanto, eles têm também uma pura

visão não adulterada da essência^(*) do cosmos. Eles são conscientemente a consciência do cosmos.

A meditação espiritual, chamada abreviadamente Dhyāna, mostra-nos o caminho no qual nos podemos mover da transitoriedade terrestre para o imperecível. Isto está longe de alguma coisa que não puder ser realizada por cada um de nós, por isso estar exemplificado pelos Dhyān-Chohans, que são na verdade os nossos pais espirituais, as nossas respectivas fontes de inspiração. De onde, se faz favor, deveria vir todo este conhecimento acerca das estruturas do cosmos e do seu processo interior? Quem é que tem tanta perspicácia para nos falar acerca destas características? Uma característica que se torna vivida através das Pāramitās e nos leva finalmente para as estrelas. Quem podia escrever livros como o *Tao Te King*, o *Bhagavad-Gītā*, a *Voz do Silêncio* ou o *Sutra do Coração* sem ter sido inspirado antes e durante a sua redacção? Já alguma vez deixou os pensamentos nele expressos ter efeito em si em silêncio? Já experimentou a profundidade infinita, a beleza e a verdade plena? Pensa que é realmente possível compor tão magníficas sinfonias como as de Beethoven e Mahler fizeram, por exemplo, sem ter entrado nos elevados planos do pensamento? Planos que nos guiam até aos níveis destes seres. É assim que a natureza opera. Um ser cresce, portanto, vem para a esfera de influência de um ser mais avançado, é inspirado por ele e aprende. Este ser em crescimento processa o que aprendeu, adapta-o ao seu próprio caminho e passa naquilo que aprendeu. Por este caminho o estudante torna-se um professor e inspira outros. Pode observar-se este processo em todos os reinos da natureza porque isso forma a estrutura do desenvolvimento evolucionário. Trata-se de uma espiral que sopra para cima no ilimitado. Neste caminho, o homem torna-se um ajudante consciente da humanidade, o construtor consciente na Hierarquia da Compaixão que permeia todo o cosmos.

O objectivo final (Ātma-Vidyā e Prajñā)

Esta verdade torna-se, com o tempo, cada vez mais clara para nós, porque está radicada, por assim dizer, na nossa própria essência. Este é o *modus operandi* da vida universal que se expressa através de nós, e na verdade nós estamos-nos preparando para a expressar conscientemente no futuro. Praticando Dhyāna e dando cada vez mais espaço às Pāramitās nas nossas vidas, dirigimos o nosso pensamento

cada vez mais rumo à espiritualidade, planos causais de nós próprios e portanto do cosmos. Ultimamente, crescemos dentro deles e formamo-los consciente e activamente. Quanto mais espiritual é um plano, tanto mais activa é a vida que nela revela. A consciência, contudo, que se foca mais fortemente nas formas externas, e no lado substancial do ser, identifica-se com ele, cristaliza, torna-se inerte e imóvel. Por consequência, ele não vê as conexões e interconexões, a unidade onde ele actualmente se encontra. Mas se essa consciência está em casa naqueles planos interiores espirituais e causais, ela nada na unidade, por assim dizer. Então apercebe-se das conexões e ligações que ocorrem a partir do entre a interacção de miríades de entidades, porque já não há mais nenhuma impressões, pensamentos e percepções separados.

A influência inspiradora e guiadora dos seres mais evoluídos, os Dhyān-Chohans, que mostram o caminho, apontam para as potencialidades, e também as despertam com impulsos, é mencionado aqui uma vez mais em particular. Para nós, trata-se de criar espaços ou campos de inspiração onde os nossos companheiros seres humanos se manifestam. Isto apenas pode ser feito dando espaço na nossa vida aos pilares do universo, como já dissemos antes, as sete Joias e as Pāramitās, fazendo deles o objecto da contemplação e acção, o melhor que pudermos. Todo aquele que age neste caminho constrói para ele próprio um canal consciente para a influência inspiradora e doadora de vida de seres mais elevados, um centro activo do Dharma no Ilimitado. Ninguém tem de ficar nisto encerrado em si próprio. A ajuda e cooperação vêm de toda a parte, se o desejo é puro e se o esforço está lá, porque os campos e os espaços de inspiração justamente citados são, na verdade, sempre os melhores criados pelo colectivo, então eles são verdadeiros, poderosos e duradouros.

Isto é a unidade *vivida*, a unidade não só com as pessoas à nossa volta, não, esta unidade estende-se para além das fronteiras da humanidade terrestre no ilimitado que nós somos de facto e iremos expressar finalmente de uma forma consciente.

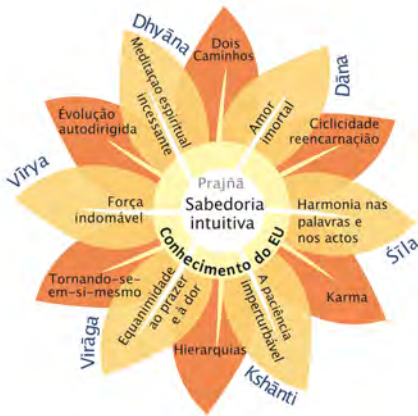
Leituras recomendadas

G. de Purucker, *Esoteric Teachings* Vol. 1, cap. "The Pāramitās and the Exalted Eightfold Path" (As Pāramitās e o Exaltado Caminho Óctuplo).

G. de Purucker, *Esoteric Teachings*, Vol. 2, cap. "Meditation" (Meditação).

(*) Termo budista para isto é *yathābhūtatā*, o carácter essencial de Swabhāva de qualquer coisa. O termo inglês "that-ness" ("aquilo-dade") é o mais próximo do outro.

Consciência e Intuição



Eu não sei – e todavia fico satisfeito por ver que de facto falo assim - porque é que as pessoas estão tão interessadas em saber o que é a consciência e onde está localizada na constituição humana e como é que se pode pôr a funcionar. Sabemos que, enquanto o homem é um fluxo de consciência, ele é um fluxo setenário, e cada aspecto do setenário tem ainda as suas divisões, que é uma razão pela qual os homens diferem entre si tanto e tão amplamente; e é uma pena que isto não seja melhor compreendido. Os homens difeririam mais mas zangar-se menos. Brigas são estúpidas; discussões amáveis sobre diferenças de opinião fazem bons amigos - se elas são amigáveis.

Agora, compreendo o assunto. A nossa consciência, à qual todos nós muito pouco frequentemente prestamos atenção para nosso prejuízo, é o amigável sussurro caloroso de cima, que nós sentimos a mostrar-nos o que está certo e o que está errado, e que provém da sabedoria ética armazenada no nosso ser. Ela não participa nas disputas do cérebro-mente; ela está no coração. É a parte mais elevada do ego humano, a tesouraria da experiência ética, a sabedoria acumulada de vidas passadas,

abrilhantada e entesourada nas nossas áreas mais elevadas e, à medida que ela cresce, a sua voz torna-se infalível e poderosa; mas ela não vai tão longe de modo a tornar a sua voz na nossa alma um guia infalível, porque não temos tido vidas humanas passadas ao longo da eternidade e não somos seres infinitos, humanamente falando.

A consciência de um homem é forte; a consciência de outro homem é mais fraca. Por duas razões: um ser humano pode ser mais desenvolvido e pode ter ouvido mais atentamente o monitor interno. Portanto, a sua voz é familiar, forte e estável e, como dissemos, calorosa e doce. Nós amamo-la, e uma razão pela qual nós a amamos é porque ela está tão próxima de nós. Na mais elevada parte de cada um de nós como seres humanos, sussurrando para nós recomendações de justiça e afastando-nos de tudo o que é errado. É a parte buddhi-manas do ser humano, acumulando experiências de idades anteriores de nascimentos e renascimentos, o eco de sofrimentos passados, de dores no coração a partir das quais ganhámos sabedoria e entesourámos nas gavetas do Eu. Isso é a consciência.

Mas superior a consciência está a intuição. Intuição é infalível. A sua voz é imensuravelmente infalível, porque é o sussurro dentro de nós como se fossem as verdades do Espírito Cósmico. É um raio directo do Espírito Divino nos nossos corações. A nossa consciência não quer dizer-nos a verdade acerca de um facto da natureza, ela não sussurra na condução das nossas mentes ao longo dos caminhos das descobertas científicas, filosóficas ou religiosas, porque esse é o conhecimento ético guardado familiarmente na alma de cada um de nós. A intuição, porém, dir-nos-á instantaneamente, ela tem a visão instantânea da verdade. A sua voz não é familiar nem não familiar. Ela é totalmente impessoal. A sua atmosfera não é “calorosa” nem é “fria”. A este respeito é neutral. É a voz de Ātman-buddhi-manas dentro de nós, a Mónada, como H.P B. lhe chamou.

Percebe a distinção? A consciência é a nossa própria tesouraria, ou sabedoria ético-espiritual. É infalível até onde vai, tanto quanto podemos ouvir a sua voz; e podemos ouvi-la cada vez mais pela prática, pela formação, pela escuta, apenas reconhecendo-a e seguindo-a. Mas porque ela é apenas a nossa tesouraria guardada, não é infinita, e portanto não é sempre infalível no verdadeiro sentido. Mas na medida em que respeita a cada um de nós como indivíduos, quando a nossa consciência nos sussurra, devemos segui-la, porque ela nos falará apenas quando estivermos em perigo ou quando estivermos a procurar fazer o bem; isto porque a voz da intuição é a voz do Espírito dentro de nós e é infalível. Não tem fronteiras. Ela é, por assim dizer, um raio directo de Mahā-buddhi do Universo. E nós podemos permitir que ela se torne cada vez mais forte dentro de nós. Iluminando as nossas mentes e abrindo os nossos corações, não temendo isso, não temendo palpites, não temendo seguir a nossa consciência. E a nossa intuição quando elas nos batem à porta. Elas estão sempre a chegar até nós.

A maioria dos homens tem vergonha de agir de forma intuitiva. Eles não querem cometer erros. Prudência, sim. Mas é apenas prudência, e louvável, cobardemente e fraco e pequeno, se é apenas porque não quer começar a fazer loucuras a si próprio até que tenha aprendido mais. O homem forte não tem medo de fazer uma loucura ocasionalmente, porque sabe que é um facto que isso estimulá-lo-á, acordá-lo-á, fá-lo-á pensar; e depois de algum tempo ele não fará mais loucuras contra si próprio. Aprenderá a confiar nos seus poderes interiores. É o caminho para cultivar a intuição, cultivando-a; não tendo medo daquilo

que está dentro de si. Suponhamos que comete erros – qual o problema? Pela prática na sua exercitar os erros irá crescer cada vez menos.

Faça um companheiro da sua consciência. O homem ou a mulher que não houve a voz da sua consciência, sussurrando na sua alma, que nunca sentiu a sua presença, não é verdadeiramente humano. Sabemos o que se quer dizer com a palavra companheirismo; chamamos-lhe a voz que nos sussurra; é uma luz que vive sempre dentro de nós e que nos diz o que é direito – para que trilhemos esse caminho; e o que é errado – para o abandonarmos. Faça um companheiro da sua consciência, estimula-a, abra os seus coração e a sua mente para ela. As nossas vidas serão bonitas, fortalecidas, fazendo-nos mais felizes do que somos agora. Porque estamos a ouvir dentro de nós a voz que acumulou a Sabedoria das idades.

Para além disso, justamente na proporção em que aprendemos a conhecer a nossa consciência, que é o nosso próprio eu, a nossa parte mais elevada, e nele confiamos e o seguimos, tanto mais a intuição abrilhantar as nossas vidas, transportando conhecimento directo, conhecimento infalível.

Referência

1. G. de Purucker, *Studies in Occult Philosophy*, Theosophical University Press, Covina 1945, p. 212-214. Cópia livre a partir da edição original do livro: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/studies-in-occult-philosophy/>.



Conhecimento Intuitivo ou Prajñā ⁽¹⁾

Como podemos praticar o conhecimento intuitivo (Prajñā)?

Quando uma pessoa, por meio da prática fiel de *Dhyāna*, atinge o *Samādhi*, ele passou além da discriminação e do conhecimento, atingiu a perfeita unidade da essência da Mente. Com esta realização chega uma compreensão intuitiva da natureza do universo... ela realiza agora a perfeita Unidade, da Essência, da Potencialidade, e Actividade de Tathāgata-dade [Tathāgatahood]...

Prajñā-Pāramitā é a perfeita Sabedoria mais elevada; a sua frutificação vem invisível, sem esforço, espontaneamente; ela mistura todas as diferenças, sejam más ou boas, num Todo perfeito...

Portanto, que todos os discípulos que aspiram à mais elevada e perfeita Sabedoria, que é *Prajñā-Pāramitā*, se apliquem eles próprios assiduamente para os discípulos do Nobre Caminho, para que apenas ele irá levá-los à perfeita realização de Buddhidade.⁽²⁾

Em ordem a compreender e a *sentir* espiritualmente a verdadeira natureza de Prajñā, é necessário, em especial para a mente ocidental, abandonar o que pode ser chamada a visão das coisas “a partir deste lado” e a

compreensão para ir para “a outra margem” (*pāra*), isto é, o “outro lado”, ou outro modo de ver as coisas. “Neste” lado estamos envolvidos num mundo ou esfera de consciência das análises e das particularidades do cérebro-mente, que se tornam um mundo de apegos e de distinções de baixo nível. Quando sucessivamente acedemos a esta “reversão” interior, que está realmente mudando a nossa consciência em direcção ao mística “outra margem” do ser, entramos mais ou menos com sucesso, segundo a nossa capacidade para o fazer, num mundo de transcendent Realidades, a partir do qual podemos ver coisas na sua unidade original e espiritual, além da ilusão dos enganadores véus da multiplicidade; penetrar na essencial natureza destas Realidades e conhecê-las como elas verdadeiramente são no seu estado de swābhāvica “aquilo-dade” (em sânscrito chamado *yathābhātātā*). Este estado de clareza interior e de acurada percepção espiritual e intelectual é tão remoto e tão diferente das operações familiares da consciência do nosso cérebro-mente do transitório mundo de aparências fenoménicas e sombras māyāvicas (ilusórias), que mentes não treinadas associam a este estado interior,

por ser tão contrastante com as características comuns das coisas deste “lado”, com a concepção do vazio, da vacuidade, vazio (no sentido de ser nada). Vacuidade (*Śūnyatā*), em o seu verdadeiro significado metafísico, no entanto, o mais enfaticamente possível não deve ser confundido com tal “nada”, implicando uma negação absoluta do real ser, e assim significando a aniquilação; nem deve ser imaginado que existe um objecto de pensamento designado como puro “vazio”, pois este é diametralmente oposto à verdadeira natureza do ensino relativo a *Śūnyatā* ou o próprio Vacuidade. Por isso, o último não é para ser compreendido através das faculdades de raciocínio do cérebro-mente, postulando algumas teses de pensamento configurando-o a ele próprio como antítese e chegando finalmente a uma síntese dos supostamente dois opostos. Trata-se na verdade de ser apreendido por *uma percepção directa ou cognição imediata* pertencente a um estado espiritual-intelectual elevado chamado Prajñā, cujo nível está acima das distinções māyāvicas ou ilusórias do “ser” e “não ser”, do particular e do universal, do plural e do singular. Na verdade, este elevado estado é o conhecimento intuitivo e a percepção penetrante do Espírito-mente no homem, mais acertada e mais tecnicamente chamado Buddhi-Manas, e tal cognição intuitiva e imediata é incomensuravelmente mais poderosa e penetrante do que o simples intelecto. Tal conhecimento intuitivo e percepção não estão latentes, mas sempre activo no mais elevado e mais universal recôndito da nossa consciência, e é através do gradual despertar do homem mais inferior em direcção à realização auto-conscientes desta consciência espiritual intelectual (*sambodhi*) que na sua activa manifestação é idêntica a *Prajñā*, que nós saímos das nossas correntes de escravatura nos baixos níveis da nossa consciência e escapamos da escravatura da ignorância e da nesciência (*avidyā*) e portanto nos libertamos das várias espécies das nossas dores interiores e exteriores (*duhkha*). Esta libertação é a realização ou conseguimento da suprema iluminação (*anuttarasamyaksambodhi*)⁽³⁾ e da Emancipação (*moksha* ou *mukti*).

Prajñā pode talvez ser melhor traduzido por Intuição, significando com este termo aquela instantânea iluminação de conhecimento total que é verdadeiramente divina. Há um elevado conceito metafísico subjacente a este termo técnico. Como foi bem exemplificado nos sūtras ou versos do grupo de *Prajñā-Pāramitā* das escrituras budistas, Prajñā é comumente olhado como o princípio dirigente de outras Pāramitās ou “virtudes gloriosas ou transcendentais”, apontando para estas Pāramitās como contendo a “entrada” – isto é, o método de alcançar a – Realidade.

É comparável ao vigilante e ao inteligente Olho que supervisiona com perfeita clareza de visão os horizontes da vida e designa o caminho para ser percorrido pelos degraus do aspirante. Sem Prajñā pode ver-se facilmente que as outras Pāramitās seriam privados de um dos seus mais elevados elementos. De alguma forma Prajñā guia o desenvolvimento e o crescimento progressivo das outras, para usar um termo de comparação budista, tal como a terra provê a sustentação para o crescimento da vegetação⁽⁴⁾. Todos os seres do Universo, sem distinção de nenhuma espécie, possuem Prajñā, embora não esteja a ser usado auto-conscientemente, excepto quando os seres individuais evoluídos se tornaram unos com ele no decurso da sua evolução. Considerando este facto, os animais da terra têm Prajñā, tal como as abelhas e as formigas, por exemplo, mas qualquer autorrealização está faltando, porque tal autorrealização em direcção à união, em maior ou menor grau, com Prajñā, começa apenas com o homem – pelo menos nesta Terra. Os Mahātmās, os mais elevados Mahātmās e ainda os seres mais elevados da Hierarquia da Compaixão e da Sabedoria, tornaram-se unos com Prajñā, em maior ou menor grau. O primeiro mais fraco sinal de Prajñā no ser humano manifesta-se no discípulo como aspiração à iluminação, amor e sabedoria; floresce na flor relativamente cheia no Bodhisattva; e é alcançado em plena floração nos Buddhas e nos Cristos, cujo último estado é o mesmo que perfeita iluminação (*sambodhi*) e abraçando todo o conhecimento (*sarvajñatā*).

O chela elevado ou iniciado que alcançou com sucesso, por meio da autoconsciência e de esforço contínuo, a situação em que ele *se tornou* as Pāramitās, em que a sua consciência de cristal claro, e relativamente ilimitada, com todo o seu ser sintonizado com a Alma Espiritual da Humanidade, que abdicou de si mesmo e que se entregou à glória altruísta de viver por tudo o que é, está tecnicamente na Sabedoria Arcaica e no Ocultismo chamado *Bodhisattva* “– um cuja essência (*sattva*) é da verdadeira natureza da sabedoria (*bodhi*)”, ou seja, plena consciência na sabedoria, no conhecimento e no amor. O motivo que comanda a verdadeira disciplina para realizar dentro de si próprio a plena iluminação nunca é um benefício pessoal, mas sim exaltado e espiritualizado, mas o impulso para beneficiar todo o mundo (*lokaḥita*), elevar todos os seres da escravidão da ignorância e da dor, para dar felicidade ao mundo, (*lokasukha*), para despertar nele próprio um coração compassivo por tudo o que vive (*lokānukampā*), de modo a que todos os seres sencientes possam no momento certo atingir a perfeita emancipação.⁽⁵⁾

Na *Mahāprajñāpāramitā*⁽⁶⁾ a pergunta é feita a Śāriputra:

Deveriam os Bodhisattvas ter respeito apenas por outros Bodhisattvas e não por todos os seres em geral?

Questão a que Śāriputra responde:

Os Bodhisattva deve respeitar todos os seres tal como o faz com o Tathāgata. Ele deve respeitar todos os Bodhisattvas e todos os seres sencientes sem fazer nenhuma distinção entre eles. Isto é para que o Bodhisattva cultive em relação a todos os seres a humildade e a reverência e a não olhar para eles com arrogância. Ele deveria, em verdade, reverenciá-los com o mesmo sentimento de abnegação como se ele fizesse com os Tathāgatas.

O Bodhisattva deve pensar assim: Quando eu atingir iluminação, instruirei todos os seres sencientes na essência do Dharma, a fim de fazê-los cortar o seu paixões malignas e realizar Nirvāṇa, ou alcançar a iluminação e descansar em paz e felicidade, ou tornar-se completamente emancipado da dor dos maus caminhos. O Bodhisattva deveria assim despertar uma grande sentimento de compaixão para com todos os seres e manter a sua mente completamente livre da arrogância e complacência, e deve sentir assim: Praticarei todos os meios habilidosos (*upāyakaṣālyā*) a fim de fazer com que todos os seres sencientes percebam aquilo que é o mais importante em eles, ou seja, a sua natureza de Buddha (*buddhata*). Por percebendo isto, todos eles se tornam Buddhas, e eu o farei em virtude de os meios habilidosos levam-nos a esta realização final que confere-lhes o direito à classificação de Dharmarāja. O Dharmarāja é a posição mais elevada e honrosa, pois aqui uma torna-se mestre de todas as coisas (*dharma*).

Portanto, deixe os Bodhisattva respeitar todos os seres sencientes, deixe o seu sentimento compassivo penetrar tudo, independentemente dos seus objectivos; porque o Dharmakāya do Tathāgata invade todas as coisas...

Prajñā na entidade individual, como um ser humano, detém praticamente a mesma fase ou posição que Ādi-Buddhi, ou Mahā-Buddhi – da qual a manifestação inferior no Universo é Mahat – faz no Universo. Um dos axiomas da Sabedoria Esotérica é que o Universo é uma entidade; uma vez que é suficientemente claro que a Mente ou Consciência do Universo é uma Mente Universal individual ou Consciência Universal, que nós podemos

comparar com as nossas próprias mentes como um oceano universal espiritual de pontos energéticos buddhi-manásicos de autoconsciência.

Daí que Prajñā, deste ponto de vista, possa ser descrito de alguma forma adequada como o indivíduo espiritual consciência de cada membro das hostes de Dhyāni-Chohans ou espíritos cósmicos. É portanto claro que, quando um atingiu ou alcançou a consciência de Prajñā, ele alcançou ou está mais ou menos em comunhão auto-consciente com a Mente buddhi-manásica do Ser Maravilhoso da Hierarquia à qual nós pertencemos; pois existem diferenças no grau de realização ou de realização entre o chela que inicia o Caminho e um Mahātmā, seguido por seres ainda mais elevados com uma realização maior em a escada da realização que se estende constantemente para cima e em diante através das várias gamas ou graus de realização até o Ser Maravilhoso da nossa própria Hierarquia é alcançada.

Deveria igualmente ser bastante claro para um leitor perspicaz do que se disse acima que há numerosas diferenças de grandeza entre o cumprimento ou alcance entre as realizações individuais de Prajñā pelos membros de uma Hierarquia – tal como na nossa, por exemplo. Prajñā é o mesmo em todos; as diferenças entre eles residem nos respectivos graus de manifestação do Prajñā que os membros da Hierarquia têm atingido.

Há também diferenças de outro tipo, que ao fim e ao cabo são mais distinções do que diferenças; e este facto pode ser ilustrado por meio da distinção entre o ser que atingiu uma relativa realização de Prajñā e entre no Nirvana, e um outro ser que atingiu uma relativa realização de Prajñā e que ganhou o direito de entrar no Nirvana, mas que renuncia a isso. Aqui temos uma clara e importante diferença ou antes, distinção baseada na ética cósmica; pois o ser que ganhou o direito ao Nirvana e todavia renuncia a isso com a finalidade de regressar para ajudar o mundo, fica eticamente muito distante do que aquele que entra no Nirvana para sua própria beatitude. Cada um deles alcançou um grau suficiente de auto-realização com Prajñā para ganhar o direito de ascender ao Nirvana. Mas aquele que renuncia a isso atingiu uma auto-realização de Prajñā de um plano búdico mais elevado do que aquele que ganhou o Nirvana e entrou dentro dele.

A chave para este mistério reside no facto de que cada princípio na constituição humana é setenário; por consequência, Buddhi, por exemplo, que é o assento de Prajñā, é setenário; e nós podemos ver portanto que aquele que entrou no Nirvana tal como acima se descreveu, alcançou

o que talvez podemos descrever como Kāma-Buddhi, mas não foi mais além na qualidade da sua realização de Prajñā, ao contrário daqueloutro que alcançou do mesmo modo o direito de entrar no Nirvana, mas que renunciou a ele alcançou a condição de Prajñā Búdico, que podemos descrever igualmente como Buddhi-Buddhi ou Manas-Buddhi. Os Buddhas ou os Mahā-Buddhas são aqueles que atingiram o estado Ātmico de Buddhi – e portanto experimentam eles próprios em absoluto e de forma não qualificável uma autoidentificação com o universo.

Referências

1. Gottfried de Purucker, *Esoteric Teachings*, Vol. 1, *The Esoteric Path: its Nature and its Tests*, (Via Esotérica: na Natureza e os seus testes) p. 108-113, Fundación I.S.I.S, La Haya 2015.
2. *Mahāyāna Śrāddhotpāda Śāstra*, jusualmente creditado a Áś-vaghosha.
3. Una frase sánskrita que significa ‘a mais excelente e completa plenitude de Bodhi’, Bodhi significa a actividade auto-consciente de Buddhi na constituição de cada um; e Buddhi é o órgão dos Buddhas e dos Christos.
4. Ver. *Ashṭasāhasrikā-Prajñāpāramitā*.
5. Fo-mu *Prajñāpāramitā*, Fasc. 14, capítulo XII, “Sobre sábios”.
6. *Hsüan-chuang*, Fasc. 387, capítulo XII, “Sobre moralidade”.

Anúncio da Conferência Teosófica Internacional (ITC) de 2022

O Nosso tema é:

Teosofia: Descobrimos o Eterno Sol da Verdade

Data: 20 de Julho — 24 de Julho de 2022 — Local: on line

Em conjunto gostaríamos de descobrir:

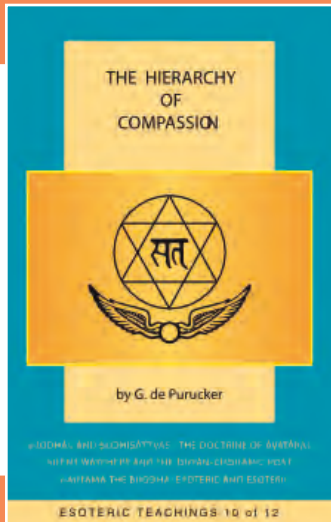
- Como é que a Teosofia nos inspira como um pilar da verdade na época das “fake news”.
- Como é que nós podemos acordar em nós o âmago da sabedoria que transcende todas as opiniões pessoais.
- Como é que nós podemos inspirar outras pessoas vivendo a verdade em ordem a manifestar uma unidade universal.

Os subtemas que escolhemos:

- A verdade, a voz do Sol eterno
 - Despertar a Teosofia: Imaginação, Intuição e Ideação
 - Vivendo a Verdade: a Unidat Universal.

Seguiremos um programa semelhante ao do ano passado, com um tempo pré-definido que permita para a maioria das pessoas do mundo participar.

Todas as informações up-to-date podem ser encontradas no website www.theosophyconferences.org



Esoteric Teachings Volume 10 de Gottfried de Purucker

Este livro encaixa bem com o conteúdo deste *Lúcifer*, porque, como os primeiros dois volumes⁽¹⁾ e ainda mais do que outros *Teachings* apela ao nosso senso ético.

Pode ser estranho começar uma revisão de um livro de Gottfried de Purucker (GdeP) com uma referência ao trabalho de H.P. Blavatsky. Estamos aludindo a um longo excerto, inacabado e nunca publicado por ela própria. Todavia, se nós virmos GdeP na linha da Hierarquia da Compaixão como o expositor e intérprete da grande obra de H.P.B., então não é tão estranho apesar de tudo. No volume XIV de *Collected Writings* de H.P. Blavatsky encontrará um capítulo interessante intitulado “O Mistério de Buddha”.⁽²⁾ Nele são fornecidos ensinamentos profundos que não acharemos em parte alguma na obra volumosa de Blavatsky. Segundo o compilador de *Collected Writings*, Boris de Zirkoff, este fragmento deve ter sido destinado à anunciada mas nunca publicada volume III de *A Doutrina Secreta*. Note: o excerto é claramente um esboço que devia ser mais elaborado e extenso. É portanto difícil de compreender.

Tal como porque é que a parte III de *A Doutrina Secreta* nunca apareceu, podemos apenas especular. Talvez

ainda não era a altura apropriada para aparecer. Em qualquer caso, o que é muito contundente é que os tópicos abordados no “Mistério de Buddha” são quase os mesmos do que os que são dados nos *Esoteric Teachings* Volume 10. Ao estudar aquele volume, o texto de H.P. Blavatsky torna-se muito mais claro e ganha-se perspectiva sobre a Hierarquia da Compaixão.

Hierarquia da Compaixão

O que é a Hierarquia da Compaixão? Deixemos G. de Purucker falar por ele próprio:

A Hierarquia da Compaixão é uma Hierarquia Cósmica dividida em quase inumeráveis Hierarquias Menores, estendendo-se por aí abaixo na escada do Ser Cósmico, a partir da Suprema Hierarquia do nosso Sistema Solar, através de todos os estádios intermédios, e preenchendo cada plano do sistema solar, até finalmente serem encontradas os representantes deste nosso presente plano físico nos diferentes Globos das diferentes

Pensamentos-chave

» O Volume 10 trata da Hierarquia da Compaixão. É constituída por vários seres — Vigilantes Silenciosos, Buddhas, Bodhisattvas — que desistiram da sua própria bem-aventurança e progresso por amor daqueles que são menos desenvolvidos. Os ensinamentos dos Avatâras e o conceito de Tulku são também explicados.

Cadeias Planetárias. Ela é constituída por Divindades, por Semideuses, Buddhas, Bodhisattvas, e grandes e nobres Homens em vários degraus e graus de esplendor individual, que servem como canais vivos para as correntes espirituais vindas a este e a todos os outros planetas do nosso sistema a partir do Coração da Divindade Solar e que eles próprios derramam glória e luz e paz para todos os caminhos a partir das profundezas da compaixão dos seus próprios seres. Os homens sabem pouco, mesmo daqueles que pertencem à nossa própria Ordem, do divino amor, dos impulsos divinos de compaixão, que caracterizam as almas daqueles que formam esta Hierarquia de Luz. Eles fizeram a Grande Renúncia, desistindo de toda a esperança de progresso evolutivo pessoal, porventura por éons vindouros, e permanecem nos seus referidos trabalhos ao serviço do mundo. Não reconhecidos, não agradecidos, sempre silenciosos, sempre compassivos, sempre preenchidos numa paz sagrada, eles trabalham de forma constante, observando aqueles que seguem atrás deles em movimento lento. O rio da vida estende-se longamente, num fluxo interminável.

Na nossa Terra há uma Hierarquia Menor de Luz. Trabalhando nesta esfera, há inteligências sublimes. As Almas Humanas têm os seus respectivos lugares nestes degraus hierárquicos. Os nossos próprios Mestres, os Mahātmās, são membros deste Hierarquia de Luz, pertencendo à Mãe Terra.⁽³⁾

Relacionamento mútuo e cooperação

Neste volume dos *Teachings*, GdeP discute os diferentes seres que constituem a Hierarquia e o seu relacionamento mútuo e cooperação. Dependendo do plano onde eles se situam ou do trabalho que eles estão a realizar, falamos de Dhyāni-Chohans, Vigilantes Silenciosos, Dhyāni-Buddhas, Mānusha-Buddhas, Buddhas de Raça, Bodhisattvas, etc. Há uma cooperação maravilhosa entre todos estes seres. Em cada nível deste Hierarquia há um relacionamento Professor-aluno. Por outras palavras, há um esforço constante por parte dos seres mais avançados para inspirar os seus “filhos” a ascender a um nível mais elevado.

Embora estes seres difiram uns dos outros em âmbito de consciência e uns são portanto mais elevados na escada hierárquica da consciência do que os outros, a força directora das suas vidas, a nota-chave da sua existência é a compaixão. É precisamente por causa desta compaixão que pode haver uma esplêndida cooperação para benefício do todo. O próprio progresso de cada um

não tem importância de maneira nenhuma.

Isto é o que GdeP diz acerca dos Buddhas da Compaixão:

Há certos seres cujo amor é tão abrangente, cuja abnegação é tão elevada, cujo auto-esquecimento é tão perfeito, cujo sentido de unidade com o Uno é tão relativamente completo que a certa altura das suas evoluções eles voltam atrás no Caminho, e tornam-se forças benéficas na vida espiritual e intelectual da Humanidade, sacrificando o seu próprio avanço e oportunidades durante eras e eras vindouras e permanecendo no que para eles é um pouco menos que um inferno, com o objectivo de ajudar, de permanecer como um fogo espiritual na atmosfera de um planeta ou de um sistema solar, como pode ser o caso.⁽⁴⁾

A comunicação entre os seres mais avançados e os menos avançados

É a compaixão que guia todas as espécies de formas de cooperação, que são referidas na literatura teosófica e na literatura espiritual em geral, mas que, segundo o que sei, são agora explicadas mais claramente neste volume dos *Teachings*. Os conceitos tais como Avatāra, Tulku, Āveśa, Buddha e Bodhisattva são também encontrados aqui e ali, mas GdeP coloca-os num largo contexto, permitindo-nos conhecer a sua conexão maravilhosa.

Com o objectivo de comunicar com isto, com o nosso mundo, seres exaltados necessitam de uma “porta voz”. Tal como uma representação na terra deve obviamente ser sintonizada na “mesma chave”, se se quer apanhar a mensagem e fazê-la espalhar.

Em alguns casos raros, um humano pode mesmo servir como um instrumento ou veículo de um ser muito mais avançado. Tal ser não se pode manifestar ele próprio aqui. Este mundo é demasiado grosseiro para ele. Tem de haver, por outras palavras, cooperação com um ser que tenha também o mesmo motivo de compaixão, mas que ainda tenha a capacidade de conectar com este mundo. Esta ideia básica liga-se, por exemplo, com o ensinamento dos Avatāras, mas também explica o conceito de Tulku do Tibete. Neste *Teaching* o estatuto do Dalai Lama e do Tashi Lama são explicados muito claramente e o seu relacionamento com o que pode ser chamado os Buddhas Celestiais. Cada ser humano pode mesmo, se ele se sintoniza com a “zona certa”, achar conexão com esta Hierarquia, e tornar-se portanto um veículo de uma força espiritual e compassiva por um período maior ou menor de tempo.

Solução

O conteúdo do volume 10 dos *Teachings* é tão místico e sagrado que cada palavra que se tente dizer acerca disso parece traí-lo. Este livro é, portanto, altamente recomendado para qualquer pessoa que intuitivamente pensa que a Compaixão, a Lei das Leis, é a força unificadora no Cosmos e fornece a solução para todos os problemas com que a humanidade se está defrontando. Ela dá-nos uma confiança firme de que nós também somos capazes de nos tornarmos cooperadores da Hierarquia da Compaixão. Mas que a confiança deve ser acompanhada por um sentido de responsabilidade. E como é melhor modelar essa responsabilidade através da contemplação das sete Joias da Sabedoria e viver as Pâramitãs! Podemos começar com tal vida agora.

Referências

1. Veja-se a resenha de G. de Purucker *Esoteric Teachings*, Volumes 1 e 2, Artigo em *Lúcifer*, *Lúcifer* nr. 2 | Junho 2021.
2. H.P. Blavatsky, *Collected Writings*, Volume XIV, "The Mystery of the Buddha", The Theosophical Publishing House, Wheaton 1985, p. 370-453
3. G. de Purucker, *Esoteric Teachings* Volume 10, The Hierarchy of Compassion, (A Hierarquia da Compaixão), Fundação I.S.I.S., Haia, 2015, p.19.
4. Ver referência 3, p. 113.

TSPL Conferências e estudos em inglês

Semanalmente, aos Domingos, 19.30 h. CET

Para participar nestes estudos é necessário ter seguido a conferência seguinte.

A fim de se registar para estudo, deve ir-se para esta página de estudo em <https://blavatskyhouse.org/lectures/>

Os estudos têm em conta que nem todos os participantes falam inglês como língua materna.

Lecture: Initiation and the Egyptian Book of the Dead

1 May 2022 - 19:30 CEST

Study on this subject: 8 May 2022 - 19:30 CEST

Lecture: The Initiation of the Mystic Birth: the weighing of the heart

15 May 2022 - 19:30 CEST

Study on this subject: 22 May 2022 - 19:30 CEST

Lecture: The Initiations of the Great Temptation and the Great Renunciation: the journey through Amenti

29 May 2022 - 19:30 CEST

Study on this subject: 5 June 2022 - 19:30 CEST

Lecture: The Initiation of the Great Passing: becoming Osiris

12 June 2022 - 19:30 CEST

Study on this subject: 19 June 2022 - 19:30 CEST

Lúcifer®

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Bianca Peeters, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.o número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
O preço das nossas edições em papel
custam €4,60 e €9,20 para uma edição
dupla, excluindo portes.
Para pagamento pela internet – cartão de
crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrônica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é “Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth”. A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

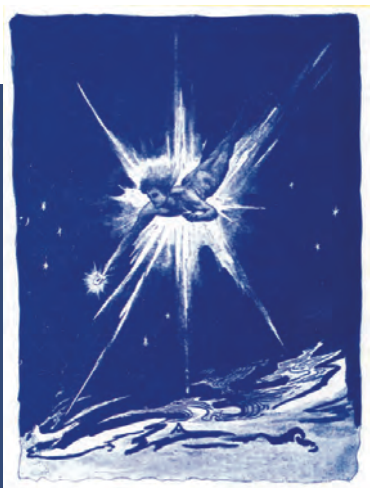
A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.



Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).